



PUC RIO

MARÍLIA MELLO DE VILHENA

O INCONSCIENTE FREUDIANO E SUA
PRÁTICA NO HIC ET NUNC

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Departamento de Psicologia

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, novembro de 1984.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

N.Chamada: 150/V7111/TESE UC

Título: O inconsciente freudiano e sua prática n



0 0 0 9 5 5 5
Ex: 1-CENTRAL 2092

MARÍLIA MELLO DE VILHENA

O INCONSCIENTE FREUDIANO E SUA
PRÁTICA NO HIC ET NUNC

Dissertação apresentada ao Departamento
de Psicologia da PUC/RJ, como parte dos
requisitos para obtenção do título de
Mestre em Psicologia.

Orientadora: Circe Navarro Vital Brazil

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, novembro de 1984

4864

UC-00004904-9

m/d
 3066
 BIB. LOTÉCA
 26/08/85
 9555

150
 V7111
 TESE UC

UC 20

A Isidoro

AUSENCIA

Habré de levantar la vasta vida
Que aún ahora es tu espejo;
Cada mañana habré de reconstruirla
Desde que te alejaste,
Cuantos lugares se han tornados vanos
Y sin sentido, iguales
A luces en el día
Tardes que fueron nicho de tu imagen,
Musicas en que siempre me aguardabas,
Palabras de aquel tiempo,
Yo tendré que quebrarlas con mis manos,
¿En qué hondonada esconderé mi alma
Para que no vea tu ausencia
Que como un sol terrible, sin ocaso,
Brilla definitiva y despiadada?
Tu ausencia me rodea
Como la cuerda a la garganta
El mar al que se hunde.

Jorge Luis Borges, 1923

RESUMO

O conceito freudiano de inconsciente vem sofrendo nos dias atuais uma série de apropriações em práticas psicanalíticas. Detre elas: imaginarização do tempo, imaginarização do setting, imaginarização do ser do analista, poder institucional, etc ...

O interesse do presente trabalho é investigar teoricamente o conceito de inconsciente e o sistema de relações no qual ele se insere. Retomando algumas obras freudianas, a Lacan se recorre.

A partir de tal investigação, tenta-se repensar as instituições psicanalíticas. Realizou-se inicialmente a análise de um caso clínico, exemplar representativo de um rito de passagem numa certa sociedade, por meio do qual a aspirante obteve o título de membro associado desta instituição, e o direito de exercer a Psicanálise. Este estudo transformou-se num anticaso: foi barrada a possibilidade de questionar a "produção do saber" psicanalítico.

Partiu-se então para a análise de um caso clínico, publicado com o objetivo de se explicitar as deformações que o conceito freudiano de inconsciente sofre no domínio desta prática e desta teoria psicanalíticas.

Tal análise é nesta tese uma prática do inconsciente freudiano no no hic et nunc, em contraposição à "prática" do caso clínico publicado.

RÉSUMÉ

Le concept freudien d'inconscient subit, depuis quelque temps, une série d'appropriations dans la pratique psychanalytique.

L'intérêt de ce travail est d'investiguer théoriquement ce concept d'inconscient et le système de relations dans lequel il s'insère. Reprenant quelques ouvrages de Freud, nous avons eu recours à Lacan.

A partir de cette investigation, nous essayons de repenser les institutions psychanalytiques. Une analyse d'un cas clinique a été effectuée en tant qu'exemple représentatif d'un rite de passage dans une certaine société, au moyen duquel l'aspirant a obtenu le titre de membre associé de cette institution et le droit d'exercer la Psychanalyse. Cette étude s'est transformée dans un anti-cas: la possibilité de questionner la "production du savoir" psychanalytique a été barrée.

Alors on est parti pour l'analyse d'un cas clinique, publié dans le but de mettre en relief les déformations que le concept freudien d'inconscient est en train de subir dans le domaine de la pratique et de la théorie psychanalytiques.

Telle analyse est dans cette thèse une pratique de l'inconscient freudien dans le hic et nunc, en s'opposant à la "pratique" du cas clinique publié.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - O INCONSCIENTE NA SUA DESCOBERTA	3
CAPÍTULO 2 - A SIGNIFICÂNCIA DO INCONSCIENTE: SUA INVENÇÃO..	26
CAPÍTULO 3 - TUMULTUADO VÔO RASANTE	41
CONCLUSÕES -	51
"UMA FACE DO TUMULTO"-	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -	81
BIBLIOGRAFIA -	84

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a refletir criticamente sobre o conceito de inconsciente e um sistema de relações no qual, na teoria, está inserido; assim como repensar se uma prática psicanalítica atual vem confirmando a teoria freudiana do inconsciente.

Por que o interesse pelo conceito?

Sabemos que o conceito freudiano de inconsciente marca a questão do limite nas teoria e prática psicanalíticas. Inegavelmente, a estrutura do inconsciente já estava lá, antes de Freud, mas é ele quem vai descobri-lo, já que nele algo de pecado original não analisado o conduz ao campo limitado do inconsciente, lugar que produz saber.

As descobertas freudianas fundamentais se fazem neste horizonte ("devir"), através do qual o sujeito estabelece um "rapport" com o real.

Lacan retorna à origem; a Freud e a seu privilegiado desejo de encontrar no campo da experiência inconsciente uma porta de entrada. Ler Freud por Freud seria mera ingenuidade e o mérito de Lacan é o de inventar a Psicanálise através da formalização e matematização conceitual.

Em torno do descobridor as sociedades despontam e, alegando ser em seu nome, encarregam-se da transmissão desta problemática e suposta ciência da psicanálise. Até que ponto o reconhecimento que se quer alcançar nas atuais instituições cristaliza-se num saber universitário por excelência, saber que impede um testemunhar simbólico do analista e uma produção de conhecimento?

Para que tal reflexão possa ocorrer, a análise de uma prática deformante da teoria é efetuada, tomando-se um caso clínico como exemplar.

Freud elabora sua clínica através de uma articulação com o

incognoscível. Sua formulação é simbólica e deve a todos servir, e está sempre se produzindo, pois, quando pronta, deixa de iluminar a prática.

Este trabalho consiste numa praxis institucional psicanalítica por intermédio da análise da prática à luz da teoria, explicitando técnicas.

Nos bastidores da Psicanálise, a sombra de Freud agoniza, trazendo o sopro da morte. De "Outra cena", ela assiste impassível a uma tão extensa invasão imaginária.

As luzes do palco se acendem. É hora de burburinho ... As sociedades se digladiam e o público aplaude.

O que, no final do ato, restará no cenário de práticas medievais, além deste solene vazio?

CAPÍTULO 1 - O INCONSCIENTE NA SUA DESCOBERTA

Analisaremos a concepção freudiana no seu aspecto teórico de início para verificar as possibilidades por ela marcadas relativamente a uma prática.

No trabalho sobre "A Interpretação dos Sonhos" Freud deixa explícito sua concepção de inconsciente enquanto sistema.

Na passagem de 23 a 24 de julho de 1985, Freud teve um sonho histórico, conhecido como "A Injeção de Irma". Seus relato e análise encontram-se no volume IV do artigo "A Interpretação dos Sonhos" (1900), obra-prima, base da teoria do inconsciente.

Este sonho produz uma grande descoberta, a de que, após o trabalho de interpretação "um sonho é a realização de um desejo"¹, assim como:

- todo sonho tem um sentido
- todo sonho é um fenômeno psíquico de total validade
- todo sonho é produzido por uma atividade mental de alta complexidade.

Nesta Casa, em 24 de julho de 1985,
o Segredo dos Sonhos foi Revelado ao
Dr. Sigm. Freud

Continuemos na primeira tópica. Como o nome bem indica, ela se refere a uma primeira concepção do aparelho psíquico, isto é, uma topologia dos sistemas (concepções também tópica e descritiva

¹ Freud, S. 1900: 130

² Placa de mármore criada por Freud em sua Carta a Fliess, de 12 de junho de 1900 (Freud, 1950a, Carta 137)

Tem-se fundamentalmente três sistemas: inconsciente, pré-consciente e consciente. Cada um com uma função, tipo de processo e energia de investimento distintos, e entre eles censuras.

O sistema inconsciente, constituído como domínio separado do resto do psiquismo, tem origem num momento mítico de cisão, recalçamento ("Verdrängung"), "Spaltung" que divide o sujeito e instaura a incompletude do desejo. (ver Capítulo 3).

Sistema inadmissível à consciência, verdadeira realidade psíquica, tendo em seu comando impulsos indestrutíveis, impregnados de desejo que buscam satisfação. Encontram meio de burlar a censura através de formações de compromisso irreconhecíveis como o sintoma, os chistes, lapsos, esquecimentos de palavras, sonhos, que agem simultaneamente de acordo com o desejo inconsciente e com as exigências defensivas. Todas essas manifestações constituem um retorno do recalçado.

As produções inconscientes são caracterizadas por: princípio de prazer, processo primário, energia livre, identidade de percepção, superdeterminação dos elementos.

Vejamos o mecanismo de formação do sonho.³

Já dito anteriormente, o sistema inconsciente é o impulso à formação do sonho, seu ponto de partida. O desejo inconsciente, só podendo expressar-se disfarçadamente por meio de restos diurnos pré-conscientes ("pensamentos de transferência"), desloca (metonímia) sua intensidade para estes, cobrindo-se com representações pouco importantes. O sistema pré-consciente barra o acesso à motilidade e sendo assim as excitações pré-conscientes reforçadas pelas excitações as acompanham num caminho regressivo que vai da extremidade motora à sensorial do aparelho psíquico (de pensamentos a imagens sensoriais) até atingirem uma revivificação alucinatória das imagens perceptuais (metáfora). O sonho então consegue despertar a consciência, há uma elaboração onírica devido ao trabalho de deformação total que transforma os pensamentos oníricos em conteúdo manifesto e o que se relata de um

³ Freud, S, 1900 Cf. Cap. VII

sonho é sua versão truncada e condensada, isto é, uma narrativa em imagens de grande intensidade sensorial substituí através de elos intermediários a intensidade psíquica dos pensamentos oníricos deslocados ao longo de diferentes cadeias associativas. A su perdeterminação do sonho reside no fato de cada elemento do con teúdo manifesto remeter a vários elementos latentes que se entre cruzam num ponto nodal. Após decifrado via interpretação, o so nho passa a ser um discurso organizado que expressa um ou vários desejos. (ver Capítulo 3).

Abordando o aspecto dinâmico da concepção metapsicológica freudiana da formação do sonho, um desejo inconsciente, um dos polos do conflito defensivo, procura realizar-se através das leis do processo primário produzindo uma identidade perceptiva. O que vem a ser isto?

Suponhamos uma primeira experiência de satisfação de nece sidade (ex: fome). A partir dela a imagem mnésica de uma certa percepção (no caso, a nutrição) ficará associada ao traço mnésico da excitação advindo da necessidade. Toda vez que surgir esta necessidade (acúmulo de excitação, princípio de desprazer), um impulso psíquico recatexiará a imagem mnésica perceptual, evocan do alucinatoriamente a percepção e restabelecendo assim o momento de satisfação original (princípio de prazer).

O movimento que vai do desprazer ao prazer é chamado desejo e a realização direta do desejo é alcançada através da satisfa ção alucinatória.

Freud desse modo diferencia radicalmente desejo de nece sidade, esta referindo-se a um estado interno de tensão que só po de ter fim via uma ação específica que fornece um objeto real a dequado (princípio de realidade). Em oposição, o desejo não é ba sicamente uma relação com um objeto real, mas com a fantasia. A realidade psíquica do desejo inconsciente e de seus fantasmas co nexos (estruturas fantasmáticas típicas: vida intra-uterina, cena primitiva, sedução, castração) é um patrimônio filogenético uni versal, quaisquer que sejam as diferentes experiências indi duais (ver Capítulo 3).

"Existe pelo menos um ponto em todo sonho no qual ele é in sondável - um umbigo, por assim dizer, que é seu ponto de contac to com o desconhecido."⁴ (ver Capítulo 3).

"É num certo lugar em que essa malha é particularmente fe- chada que o desejo onírico se desenvolve, como um cogumelo de seu micélio."⁵ (ver Capítulo 3).

Com o intuito de melhor definir "desejo" na teoria freudia na, passemos a um outro artigo metapsicológico da primeira tópi- ca "As Pulsões e seus Destinos" (1915).

Neste, Freud procura embasar um conceito fundamental ainda obscuro na Psicologia da época, que é o de pulsão (ver Capítulo 3).

O termo aparece pela primeira vez em "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (1905), implícito em concepções anterio- res, quando Freud distingue dois tipos de excitação:

- as do mundo externo, removíveis através do modelo do arco re- flexo;
- as internas, afluxo incessante do qual o organismo não pode fugir e que são o desencadeador do funcionamento do aparelho psíquico e responsáveis pelo seu alto nível de desenvolvimento.

Pulsão é um conceito fronteiroço entre o psíquico e o somá tico, intimamente ligado aos mecanismos do recalcamento e da fi- xação.

Numa primeira fase do recalcamento, há uma recusa de acei- tação no consciente do representante psíquico (representante i- deativo) da pulsão, por meio de um único e enigmático mecanismo de contra-vestimento. A pulsão fixa-se nesse representante que a ela permanecerá inalteravelmente ligado. Assim, um primeiro nú cleo inconsciente é formado e a pulsão constitui-se, talvez, por

4

Freud, S.1900: 119

5

Freud, S.1900: 560

esse mesmo processo, como pulsão: pulsão desejante.

No quadro da teoria freudiana do inconsciente a fixação é provocada por fatores históricos e constitucionais e designa o modo como se inscrevem certos conteúdos representativos (experiências, imagos, fantasmas) que persistem imutavelmente ligados à pulsão, no inconsciente.

A fixação propicia a regressão (reposição em jogo do que foi inscrito) nas neuroses, psicoses e perversões.

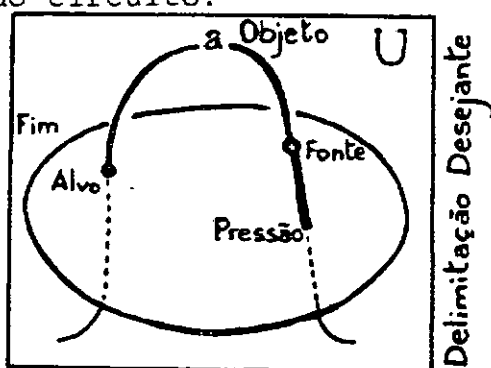
A noção de pulsão foi delineada através dos estudos e descrições da sexualidade humana. "TRIEB" (pulsão) é mal traduzido por "INSTINKT" (instinto). "TRIEB \neq INSTINKT", comportamento animal, hereditário, adaptado ao objeto (ver Capítulo 3).

O circuito pulsional (pulsões sexuais essencialmente) se constitui por:

- a) Pressão ("DRANG") - atividade da pulsão, a quantidade de força que ela representa.
- b) Fonte ("QUELLE") - somática; num órgão ou parte do corpo.
- c) Objeto ("OBJEKT") - através dele, a pulsão atinge sua finalidade.

Indica um vazio ocupável por n objetos, é o que há de mais variável na pulsão. (ver Capítulo 3).

- d) Finalidade ("ZIEL") - satisfação, através da eliminação de excitação na sua fonte, é quando a pulsão traspassa o objeto e chega ao fim do circuito.



Circuito da pulsão (o circuito não para).

A variabilidade e contingência do objeto é clarificada através do estudo das psiconeuroses, resultando em: "Propus que se distingam dois grupos de tais pulsões primordiais: as pulsões do *ego*, ou *autopreservativas*, e as pulsões *sexuais*".⁶

O conflito estabelece-se entre as pulsões ligadas à conservação e as referentes à preservação da espécie.

Inicialmente, as pulsões sexuais se apóiam nas pulsões de autoconservação, indevidamente denominadas necessidades. Como o homem pode optar por morrer de fome, questiona-se o aspecto de adequação ao objeto. Uma ligação primeira com o seio materno influenciará as pulsões do ego em escolhas objetais sexuais posteriores.

Ao separar-se da fome, a pulsão sexual se auto-erotiza num momento atemporal sempre renovado em que a sexualidade instaura-se enquanto tal, separando-se de seu objeto natural e entregando-se a um objeto parcial fantasmático. (ver Capítulo 3).

Não é que o objeto não exista no auto-erotismo, pois ele está lá. O que ocorre é uma clivagem no modo de apreensão deste; as pulsões sexuais encontram-se separadas das não sexuais.

Qual a importância desta noção?

Por ela, podemos concluir que o objeto da pulsão sexual é contingente e nunca a satisfaz. Mesmo quando a sexualidade assume um caráter genital as pulsões parciais continuam a atuar como prazer de órgão, o que nos remete à indestrutível base perversa (polimorfia) da humanidade. (ver Capítulo 3).

O momento mítico do recalçamento e da fixação da pulsão de sejante, enfim, de um primeiro núcleo inconsciente que cinde o sujeito em sujeito do enunciado e sujeito da enunciação é o que ilustra o Capítulo II do artigo Metapsicológico "Para Além do Princípio de Prazer" (1920).

6

Freud, S, 1915:144

No jogo Fort-Da, falta um objeto primordial, iniciando assim na criança uma experiência estruturante e significativa, experiência de castração que se repete.

A angústia e a morte do menino face a constantes eclipses materiais são reconhecidas e vencidas por meio de uma reprodução ativa e simbólica do fato traumatizante, brincadeira de desaparecimento e retorno.

O que vem a ser o carretel?

R: Um objeto real, imaginarizado pela criança, onde o sujeito é designado. Um objeto fantasmático (processo primário, princípio de prazer), que tentará preencher o lugar da falta, lugar zero, espaço vazio de uma ausência. Assim, as pulsões sexuais se separam das de autoconservação, instaura-se o recalçamento e nasce a linguagem (ver Capítulo 3).

Retornando à pulsão em "Pulsões e seus Destinos", seus componentes sendo: pressão, fonte, objeto e finalidade.

O circuito pulsional é um circuito simbólico, feito em torno do objeto, iniciando-se na fonte (no próprio corpo, zonas de bordo), traço que se inscreveu, produzindo a abertura de uma zona erógena, marca da diferença, a partir da qual se desenvolve o jogo do desejo. Quanto ao objeto, este indica um vazio ocupável por n objetos. A pulsão nos mostra o objeto como índice da diferença do par opositivo: objeto para sempre perdido/objeto presente. Ao chegar ao fim, temos a volta do circuito. Ir e vir; função do sujeito como seu efeito.

IR

VIR

FORT

DA (O Fort de um Da ou o DA de um Fort)

O momento no qual o desejo se constitui é o da nomeação do objeto do desejo, quando o sujeito se exila de sua subjetividade ao tornar-se também um objeto. Objeto que causa a divisão do sujeito, que o funda como ser a quem falta, falta que o constitui e o integra à ordem simbólica. (ver Capítulo 3).

Com a representação simbólica (representante da pulsão, re

presentante de perda, antes de tudo), a oposição de fonemas, a coisa é assassinada, provocando a eternização do desejo, eclipse do sujeito na demanda e na fixação do fantasma. Demanda que se formula através do objeto, ressuscitando renovadamente o desejo, já que o desejo não é nomeável. (ver Capítulo 3).

Por que "Para Além do Princípio de Prazer"?

Tentando responder à questão, reportemo-nos a conceitos básicos da concepção freudiana acrescentados neste ensaio.

Aqui, ele reúne alguns fatos já descobertos em que a repetição fundamentalmente os caracteriza:

- 1) primeiras atividades da vida mental infantil:
 - . repetição de experiências desagradáveis, a fim de dominar a situação traumatizante ativamente ao invés de experimentá-la passivamente (ver jogo Fort-Da);
 - . repetição de experiências agradáveis, em si, fonte de prazer;
- 2) compulsão à repetição de experiências desagradáveis infantis na transferência (desprezo pelo princípio de prazer);
- 3) compulsão à repetição como obstáculo ao tratamento;
- 4) neuroses de destino (acontecimentos infelizes que se repetem periodicamente na vida do indivíduo);
- 5) sonhos nas neuroses traumáticas. Estes tentam ligar a situação traumática não dominada, repetindo-a. Mesmo que essa ligação⁷ ocorra em benefício do ego, ela é o fundamento da compulsão à repetição.

⁷ ligação mais próxima das leis que regulam o desejo inconsciente e a estruturação dos fantasmas ou fantasias, leis do processo primário — energia livremente móvel, implicando laços associativos.

"Concedem-nos assim a visão de uma função do aparelho mental, visão que, embora não contradiga⁸ o princípio de prazer, é sem embargo independente dele, parecendo ser mais primitiva do que o intuito de obter prazer e evitar desprazer."⁹

"Até então, a outra tarefa do aparelho mental, a tarefa de dominar ou sujeitar as excitações, teria precedência, não, na verdade, em oposição ao princípio de prazer, mas independentemente dele e, até certo ponto, desprezando-o."¹⁰

Freud se pergunta sobre o teor realizador de desejo nesses sonhos, hipotetizando até tendências masoquistas no ego do indivíduo (masoquismo primário).

A repetição, mais que tentativa do ego de dominar e ab-rea-gir tensões excessivas, indicará na teoria freudiana o que há essencialmente de mais pulsional e demoníaco em todas as pulsões, sua tendência à descarga total.

Hipótese: as pulsões tendem à restauração de um estado anterior de coisas (ver o mito de Aristófanes em "O Banquete"¹¹ de Platão).

- Tudo o que vire morre por razões internas (torna-se mais uma vez inorgânico);
- o objetivo de toda vida é a morte. "Deveis à natureza uma morte"¹²;
- as coisas inanimadas existiram antes das vivas.

Freud, com isso, supõe a existência das pulsões de morte. (ver Cap.3).

Num momento inicial, classificará as pulsões de autoconser

⁸ é susceptível de

⁹ Freud, S, 1920: 48

¹⁰ Freud, S, 1920: 52

¹¹ Freud, S, 1920: 78

¹² Jones, E, 1979: 52

vação nas pulsões de morte, estas somente desviando-se pelo fato de: "o organismo deseja morrer apenas do seu próprio modo".¹³

I) <u>PULSÕES SEXUAIS</u>	X	II) <u>PULSÕES DO EGO</u>
vida		morte
objetais		autoconservação do indi
ex: células germinais,		víduo.
imortais potencialmen-		
te sem se separarem da		
mortalidade.		

Essa oposição deixa de sustentar-se, pois, enquanto as pulsões do ego referem-se à compulsão ao estado inanimado, Freud não descobre a essência da sexualidade, apesar de nela reconhecer algo de repetitivo e conservador.

A afirmação de que o ego é o original e verdadeiro reservatório da libido e o fato das pulsões sexuais operarem no ego (libido narcisista) torna ainda mais imprópria a oposição inicial. Porém, ainda assim, a fórmula antiga persiste nas psiconeuroses.

O dualismo posterior se torna:

III) <u>PULSÕES DE VIDA (EROS)</u>	X	IV) <u>PULSÕES DE MORTE (THANATOS)</u>
processo secundário		processo primário
ligação		libertação
amor		ódio

III) Pulsões do ego (autoconservação, narcisistas) e pulsões de objeto (sexuais), ambas de natureza libidinal.

Objetivo: animação da substância inorgânica, reunir e manter juntas as partes da substância viva.

IV) Voltadas inicialmente para o interior (masoquismo primário autodestruição, ligadas libidinalmente ao indivíduo), secundariamente dirigidas ao exterior (pulsão agressiva ou destrutiva, sadismo). (ver Capítulo 3).

"O princípio de prazer parece, na realidade, servir às pulsões de morte".¹⁴

Suposição que nos leva a pontuar certos impasses no artigo:

- O princípio de constância é apresentado como o fundamento do princípio de prazer.
- Há uma equivalência entre princípio de constância e redução absoluta.
- A tendência a zero é considerada fundamental, os outros princípios são apenas modificações dela.

Com esse segundo dualismo, Freud sente a contradição do princípio de prazer (processo primário, catexia livremente móvel e não descarga maciça, sexualidade, vida) estar servindo à morte. Tenta resolver paradoxalmente o impasse situando a sexualidade, antes força basicamente disruptora, do lado da ligação.

Num artigo posterior,¹⁵ Freud distingue do princípio de prazer (agora, exigência da libido) o princípio de Nirvana que serve inteiramente às pulsões de morte.

A tese da pulsão de morte reafirma o que há de mais radical, pulsional, desreal e indestrutível no desejo inconsciente: qualquer desejo liga-se indissolúvelmente ao desejo de morte. (ver Cap.3).

Voltando à questão do jogo de carretel, por que Para Além do Princípio de Prazer?

Porque, no limite do desejo, isto é, da (im)possibilidade da palavra, está a morte e sua repetição, expondo a vida a essa eterna busca do objeto perdido (ver Capítulo 3).

Ainda na segunda tópica "O Ego e o Id" (1923), último dos grandes trabalhos teóricos de Freud, é um desenvolvimento das i-

¹⁴
Freud, S, 1920: 85

¹⁵
"O Problema Econômico do Masoquismo" (1924)

déias de "Para Além do Princípio de Prazer", agora vinculadas a observações clínicas, numa tentativa de novas conclusões.

O artigo tem influências anteriores, tais como: o "Projeto" (1895), Cap.VII de "A Interpretação dos Sonhos" (1900) e artigos metapsicológicos de 1915.

O limite da primeira tópica reside no significado duplo do termo "inconsciente". Dinamicamente, busca origem no recalcamento; através do estudo da histeria, origem histórica da psicanálise. Aqui, ele é igualado a recalcado e possui também um sentido sistemático.¹⁶ Descritivamente, inclui o temporariamente latente.

A impossibilidade de igualar o recalcado com o inconsciente e o ego com o pré-consciente e a consciência se deve à exigência de um ego inconsciente, comportando-se dinamicamente como o recalcado, observado através da resistência na análise e do sentimento de culpa inconsciente (ver neurose obsessiva, melancolia e luto patológico).

"É certo que grande parte do ego é, ela mesma inconsciente (...). Somente uma pequena parte dela é abrangida pelo termo pré-consciente."¹⁷

Esse ego inconsciente não é latente como o pré-consciente. Há dificuldades em torná-lo consciente, porém ele não é recalcado.

"... no sentido descritivo, há dois tipos de inconsciente, mas, no sentido dinâmico, apenas um."¹⁸ Temos descritivamente o inconsciente latente (pré-consciente) e o recalcado, consciente só com trabalho analítico. Dinamicamente temos o inconsciente recalcado.

"O Ego e o Id", segunda teoria pulsional avalia as novas

¹⁶ Freud, S, 1900: 573-77

¹⁷ Freud, S, 1920, 2a. edição

¹⁸ Freud, S, 1923: 27- 28

descobertas da visão do inconsciente. Freud abandona o uso da consciência, considerando-a apenas sob o aspecto dinâmico como uma qualidade (presente ou ausente) do psíquico.

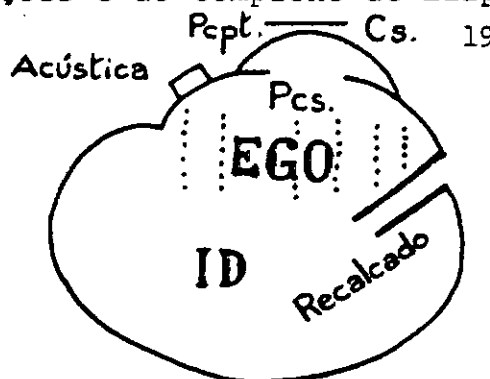
A nova terminologia freudiana com suas três instâncias (id, ego, superego) provoca uma mudança teórica profunda. Na prática correspondeu a uma análise do ego e de seus mecanismos de defesa e não a um deciframento de conteúdos inconscientes. A cisão radical entre as instâncias (primeira tópica) vai perder em importância para uma concepção genética continuista e progressiva das diferentes instâncias, daí prestando-se a biologismos e naturalismos, mesmo, segundo o autor, não tendo recorrido novamente à Biologia (ver Capítulo 3).

No artigo de 1923, além de uma nova descrição da anatomia do aparelho psíquico, há o exame de:

- relações entre as divisões da mente e as duas classes de pulsões;
- inter-relações entre as divisões da mente (ênfase no sentimento de culpa).

Quanto às divisões da mente, temos:

- A) "O Id" ("Das Es") vem substituir e melhor definir empregos anteriores: "o inconsciente", "o Ics", "o inconsciente sistemático"
- B) "O Ego" ("Das Ich") é outra instância específica, com funções e atributos especiais. Termo familiar antes de Freud, sentidos ambíguos em Freud.
- C) "Superego" ("das Uber-ich") equivalendo a "ideal de ego". Lugar das identificações e do Complexo de Édipo.



OBSERVAÇÕES

- O ego não envolve o id. Ele se estende pelo id e dele não se acha claramente separado. Sua parte inferior funde-se com ele (confluência do id com a instância recalcante).
 - O ego usa um receptor acústico de viés e de um lado só.
 - O ego é a parte do id modificada diretamente pelo mundo externo através do sistema "Pcpt-Cs" ("perceptual-consciência"), núcleo do ego. Ele é uma extensão da diferenciação da superfície.
 - O recalcado, a parte do id que com ele não se funde, destaca-se nitidamente do ego pelas resistências do recalçamento. Sua comunicação com o ego se faz via id.
 - O ego começa abrangendo o pré-consciente, que é adjacente aos resíduos mnêmicos (descritivamente, o pré-consciente é o inconsciente latente, dinamicamente refere-se a processos e conteúdos essencialmente do ego e também do superego).
 - O ego é também inconsciente.
- A) Economicamente, o grande reservatório da libido. De acordo com Georg Groddeck de quem derivou o termo, "nós somos vividos por forças incontroláveis".²⁰

O id é o representante do mundo interno, do psíquico. Polo pulsional cujos conteúdos inconscientes (parcialmente hereditários e inatos, recalcados e adquiridos) expressam psicicamente as pulsões.

- B) Recorrendo ao pictograma, a formação do ego e sua diferenciação a partir do id deve-se à influência do sistema perceptual e da superfície do corpo. O ego é inicialmente um ego corporal, projeção mental da superfície do corpo e representante das superfícies do aparelho mental. (ver Capítulo 3).

O ego encontra-se implícito na primeira tópica do aparelho psíquico como censura no sonho, sistema pré-consciente e processo secundário, desejo de dormir.

Em relação à primeira tópica, o ego é mais abrangente do que o sistema pré-consciente-consciente, pois a maior parte de suas operações são inconscientes (processo primário, aspecto repetitivo, compulsivo, desreal).

Quanto à sua gênese, pode ser encarado como produto final de uma adaptação evolutiva (diferenciado a partir do id em contato com o mundo externo), ou como produto de identificações, tornando-se um objeto amoroso investido pelo id (ver superego).

O ego é o representante do mundo externo e da realidade para o id que, por ser capaz de ser herdado, abriga resíduos de incontáveis egos.

Suas funções são: controle da motilidade e da percepção, prova da realidade, antecipação, ordenação temporal dos processos mentais, racionalização, defesa compulsiva contra reivindicações pulsionais, etc ... Elas o ajudam a enfrentar os perigos do mundo externo e as exigências de realidade da libido, do id e dos imperativos do superego. O ego é por excelência um mediador, na tentativa de disfarçar conflitos entre as distintas instâncias. Escravo submisso do id, buscando torná-lo dócil ao mundo, oferecendo-lhe inutilmente objetos, incluindo-se na lista. (ver Capítulo 3).

"O ego é a sede real da angústia ... está simplesmente obedecendo ao aviso do princípio de prazer".²¹

- C) É uma gradação no ego, uma diferenciação dentro dele através da transformação de uma escolha objetal²² erótica do id (li-

²¹

Freud, S, 1923: 74

²² Objeto da pulsão (ver "Pulsões e seus Destinos"). Uma pessoa, um objeto parcial, real ou fantasmático. Não evoca a noção de "coisa" e não é constitucionalmente determinado. Historicizado na infância, é o que há de mais contingente e variável na pulsão.

bido narcísica dessexualizada, sublimada).²³ Desse modo, o ego obtém controle sobre o id ao mesmo tempo que a ele sujei-
ta-se plenamente.

Estas primitivas identificações infantis têm efeitos duradouros e gerais, sendo que a primeira e mais importante para o indivíduo é a sua identificação com o pai, identificação direta e imediata, ahistórica (momento mítico do recalçamento, quando a sexualidade dá lugar a identificações). É a operação pela qual o indivíduo se constitui.

O superego vem a ser, tendo-se em primeiro plano o Complexo de Édipo, seu declínio e efeitos estruturais, a formação de um precipitado no ego composto pelas identificações paterna e materna²⁴ de algum modo. Resíduo das primitivas escolhas objetais do id, possui missão de recalçá-las.

Ele é o herdeiro do Complexo, poderosa vicissitude libidinal do id, é em grande parte inconsciente e mergulha no id. Daí que ressuscita formas egóicas antigas, precipitadas no id.

Com a formação do superego, o ego domina o complexo paterno, mas se submete aos seus imperativos, além de sujeitar-se ao id. Antigos conflitos do ego com catexias objetais do id prosseguem em conflitos com o superego, seu herdeiro.

23

Com a introdução do narcisismo (1915), o dualismo pulsional se torna:

<u>Pulsões do Ego</u> (interesse)	X	<u>Pulsões Sexuais</u> (libido)
processo secundário		processo primário
emanam do ego a objetos		libido do ego (chegam ao ego)
independentes (ex: alimento)		libido objetal

De 1915 a 1920, Freud, influenciado por Jung, tenta adotar um monismo pulsional, considerando as pulsões de autoconservação um caso particular das pulsões de conservação da espécie. Na segunda tópica a oposição entre pulsões de autoconservação e pulsões sexuais situa-se em Eros (pulsões de vida-sexualidade).

24

Complexo de Édipo completo, consequência da ambivalência e bissexualidade constitutiva humana:

- Identificação paterna — preservação da relação de objeto com a mãe (Complexo +) e substituição da relação de objeto com o pai.
- Identificação materna — oposto.

O superego vincula-se à filogênese e herança arcaica individual. Representa o conjunto de identificações de um indivíduo, englobando funções de interdição e ideal. Estreitamente relacionado com a proibição do incesto e com o Complexo de Castração (irredutíveis a uma situação real) tem como função a estruturação e especificidade do desejo humano.

Quanto às divisões da mente e ao segundo dualismo pulsional, Freud pressupõe que as duas classes de pulsão estão espalhadas desigualmente por toda partícula de substância viva (diferença qualitativa entre elas).

Aponta para a fusão/desfusão pulsionais, tendo como exemplo a genitalidade no primeiro caso, enquanto que no segundo a ambivalência do Complexo de Édipo, a regressão da libido à fase anal-sádica na neurose obsessiva²⁵ e a melancolia".²⁶ A desfusão é também especificada pela dessexualização e sublimação do id pelo ego, impondo-se quando forte como objeto amoroso ao id (narcisismo secundário do ego) e trabalhando em oposição a Eros, em prol das pulsões de morte. Com a formação do superego, o componente erótico se separa da agressividade com a qual antes combinava-se, sendo esta liberada como impulsos à agressão e à destruição. Freud supõe a existência no ego ou no id de uma energia neutra (talvez procedente da libido narcísica, Eros dessexualizado) e deslocável, podendo acrescentar-se a um impulso erótico ou destrutivo, aumentando sua catexia total. Esta é empregada servindo ao princípio de prazer, neutralizando bloqueios e facilitando a descarga, não importam quais caminhos (processo primário).

25

Auto-recriminações e sentimento de culpa inconscientes (relação tópica entre ego e superego). Impulsos amorosos tornam-se agressivos ao objeto. O ego adota formações reativas contra objetivos do id, mas o superego responsabiliza o ego.

26

Identificação com um objeto perdido cuja relação foi marcada pela ambivalência para com ele. Regressão à fase oral, incorporação do objeto pelo ego, alvo de maltratos.

Quanto ao id, "Eros e a pulsão de morte lutam dentro dele... Seria possível representar o id como se achando sob o domínio das silenciosas mas poderosas pulsões de morte, que devem ficar em paz e (incitadas pelo princípio de prazer) fazer repousar Eros, o promotor de desordens; mas talvez isso seja desvalorizar o papel desempenhado por Eros." ²⁷

Dentre as diferenças entre as duas tópicas:

- O ego inconsciente não abrange todo o psiquismo, apesar de abranger os antigos conteúdos do sistema inconsciente.
- O dualismo pulsional passa de pulsões do ego x pulsões sexuais a pulsões de vida x pulsões de morte, o id incluindo originalmente as duas pulsões.
- Os limites da segunda tópica entre instâncias são diferentes e menos nítidos. O mesmo ocorre quanto ao domínio biológico.
- As instâncias da segunda tópica são descritas mais como resquícios variáveis de relações de objeto do que sistemas de inscrição de imagens, recordações e conteúdos psíquicos.

Num dos últimos escritos da segunda tópica, o artigo "Inibição, Sintoma e Angústia" (1926), a abordagem das inter-relações entre as divisões mentais, assunto exposto em "O Ego e o Id" (1923).

A ênfase recai agora sobre o tema da angústia, presente em Freud desde os primeiros trabalhos.

O que vem a ser angústia?

"A angústia, portanto, é um estado especial de desprazer com atos de descarga ao longo de trilhas específicas." ²⁸

Implica na reprodução de uma experiência traumática (já re-

27

Freud, S, 1923:76

28

Freud, S, 1926: 156

ferida nos escritos iniciais de Freud sobre angústia), na qual o indivíduo se encontra impossibilitado de reagir adequadamente a um acúmulo de excitações que o invadem.

Os estados de angústia reproduzem experiências vitais muito antigas, talvez pré-individuais, surgindo como reações a estados de perigo.

Como protótipo das situações de perigo e da angústia no homem, temos objetivamente o trauma do nascimento,²⁹ verdadeira ameaça à vida, ainda que não tenha qualquer conteúdo psíquico.

"... a necessidade biológica exige que uma situação de perigo deva ter um símbolo afetivo, de modo que um símbolo dessa espécie teria em qualquer caso de ser criado."³⁰

Encontramos outras situações de perigo, como:

- perigo de desamparo psíquico (perigo de vida, ego imaturo);
- perigo da perda de objeto até a primeira infância (dependência dos outros, imagem mnêmica deste(s) de início alucinatoriamente catexizada);
- perigo de castração até a fase fálica;
- medo do superego até o período de latência;
- medo da morte (medo do superego projetado nos poderes do destino).

"... o pai se tornou despersonalizado sob a forma do superego, o medo da castração, a qual se encontra nas mãos dele, se transformou numa angústia social ou moral indefinida."³¹

Na verdade, o perigo é o da castração e, essencialmente, a angústia de castração é reação a uma perda (ver o jogo Fort-Da) e a única mola propulsora dos processos defensivos neuróticos.

29

Freud, S, 1900: 428

A rejeição do livro de Rank, "Trauma de Nascimento" (1924) conduzem Freud a "Inibição, Sintoma e Angústia" (1926)

30

Freud, S, 1926: 115

31

Freud, S, 1926: 151

O indivíduo, quando numa nova situação de perigo, pode reagir não apropriadamente através da angústia automática. A reação apropriada corresponde a um "sinal de angústia" dado pelo ego, tornando afetiva a instância "prazer-desprazer", possibilita ao indivíduo utilizar medidas eficientes para impedir a ocorrência de tal situação angustiante. O ego, ao dar o "sinal de angústia" (mecanismo de defesa), refere-se a um medo realístico (realangst),³² ou seja, medo de um perigo que era realmente iminente ou julgado real.

O ego, enquanto organização, é a sede real da angústia, sendo esta última a produtora do recalçamento.

"A angústia jamais surge da libido recalçada"³³, isto é, ela não é recriada no recalçamento. Corresponde à reprodução de um estado afetivo, precipitado de antiga experiência traumática, revivido como símbolo mnésico.

Em "O Ego e o Id", Freud sublinha a impotência do ego face às forças demoníacas do id e à crueldade e violência superegóicas. No presente artigo, sua situação não parece mudar:

- A fraqueza do ego no ato do recalçamento diante dos indestrutíveis e não influenciáveis impulsos do id.
- A extraterritorialidade, fixação e compulsão dos sintomas. Com o objetivo de evitar angústia e remover o ego de uma situação de perigo, são os substitutos deslocados e inibidos responsáveis pelo retorno do recalçado que renova exigências de satisfação (ver neurose obsessiva e o fracasso total da finalidade original de defesa).
- As inibições, restrições das funções do ego que a elas renuncia, a fim de se poupar de novas medidas recalcentes contra o id. Sintomas que o empobrecem energeticamente.

32

Dele derivam a angústia neurótica e a angústia perante a pulsão.

33

Freud, S, 1926: 131-32. Freud abandona a posição anterior, descrição fenomenológica que afirmava a transformação direta em angústia da energia catexial do impulso recalçado.

- Sua conformidade com o princípio de prazer, o processo de recalçamento resultando numa sensação de desprazer ameaçada de produção num outro lugar pelo processo pulsional recalçado, cuja energia catexial é transformada diretamente em angústia (A angústia do ego em relação a processos específicos do id).

"A função desse sistema, o qual denominamos de Pcpt-CS ... Ela recebe excitações não somente de fora, mas também de dentro, e se esforça, por meio das sensações de prazer e desprazer que a alcançam a partir desses pontos, para orientar o curso dos fatos mentais de conformidade com o princípio de prazer."³⁴

"... o indivíduo pode proteger-se contra um perigo externo, dele fugindo e evitando a percepção do mesmo, ao passo que é inútil fugir de perigos que surgem de dentro."³⁵ (ver Capítulo 3).

Os perigos pulsionais são superdeterminantes de perigos externos e conseqüentemente remetem à pulsão enquanto insatisfeita e causadora de reais danos. Os processos defensivos do ego tentam escapar dos perigos pulsionais, estabelecendo medidas contra estes que podem prosseguir contra os perigos externos.

Freud, aqui, chega a algumas conclusões³⁶ que podem ser sintetizadas, tomando-se o processo de recalçamento como ponto de partida.

Segundo ele, a psicanálise lida geralmente com recalçamentos posteriores, atraídos por antecedentes, recalçamentos primitivos, fases preliminares desconhecidas, possivelmente causados por fatores quantitativos (uma excessiva força de excitação, rompimento do escudo protetor contra estímulos, etc...). Aponta para o perigo de supervalorização do papel do superego no processo do recalçamento e na delimitação recalçamento originário e pressão posterior, sendo que as primeiras sensações intensas de angústia aparecem antes da diferenciação do superego.

³⁴Freud, S, 1926: 113

³⁵Freud, S, 1926: 149

³⁶Freud, S, 1926: 177 e segmentos

Quando o ego tenta fugir de um perigo pulsional através, por exemplo do recalçamento, ele dá ao id uma certa soberania e independência, já que o recalcado, enquanto excluído da organização egóica, apenas se submete a leis do inconsciente, prosseguindo sob a influência de compulsão à repetição numa nova situação de perigo para o ego.

"O fator de fixação no recalçamento é a compulsão à repetição do id inconsciente."³⁷

Daí que raramente o ego poderá retomar sua influência sobre o impulso recalcado, visto que ele não pode desfazer seus recalçamentos que passam a atrair regressivamente novos impulsos, atração muitas vezes reforçada por uma repulsão da vida real. As pulsões rejeitadas renovam ataques e o ego é dominado por males neuróticos.

Os fatores etiológicos das neuroses são:

- Fator biológico: fundamentalmente é a prematuração biológica da espécie humana, seu desamparo e dependência em face do mundo externo. Cria situações perigosas iniciais, promove uma diferenciação entre id e ego e a demanda de amor de toda a vida do indivíduo. (ver Capítulo 3).
- Fator filogenético: como inferência é a etiologia mais direta das neuroses. Trata-se de um precipitado histórico em virtude da descontinuidade do desenvolvimento sexual humano. A sexualidade infantil será para o ego um grande perigo e os impulsos sexuais pubertários a ela serão dirigidos. (ver Capítulo 3).

"... o contato inicial com as exigências da sexualidade deve ter efeito sobre o ego analogamente ao produzido pelo contato prematuro com o mundo externo."³⁸

- Fator psicológico: o mundo externo provoca uma diferenciação do aparelho psíquico em três instâncias. O ego vê-se obrigado a estar sempre em fuga e luta contra os perigosos impulsos do id.

37

Freud, S, 1926: 178

38

Freud, S, 1926: 179-80

Apesar de anteriormente³⁹ Freud acentuar o desaparecimento em determinadas épocas da maior parte dos perigos a que se submete a espécie humana. "Somente os determinantes finais e definitivos permanecem por toda a vida ..."⁴⁰ já visto o medo do superego, afirma por outro lado a incapacidade de proteção total em relação ao retorno da angústia traumática original. Há um limite funcional do aparelho mental no domínio de excessos de excitação.

"O viajante surpreendido pela noite pode cantar alto no escuro para negar seus próprios temores; mas, apesar de tudo isto, não enxergará mais que um palmo adiante do nariz."⁴¹ (ver Capítulo 3).

39

⁴⁰Freud, S, 1926: 172

⁴¹Freud, S, 1926: 171

Freud, S, 1926: 118

CAPÍTULO 2 - A SIGNIFICÂNCIA DO INCONSCIENTE: SUA INVENÇÃO

Na atualidade, encontramos uma releitura do trabalho freudiano na obra de Jacques Lacan.

Destacamos este autor, pois, além de representar uma formalização do conceito de inconsciente, ultrapassa o modelo biológico, atingindo no modelo semiológico um campo mais amplo de investigação sobre o simbólico, o real e o imaginário.

O campo é o da letra e "A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud"¹ é um texto situado "entre o escrito e a fala", texto da passagem ao teórico e de inscrição discursiva. Discurso universitário (a "universitas litterarum" é propícia à elaboração lacaniana da letra) e científico (discurso de uma certa verdade e saber) que Lacan subverte.

Trata-se, com a intervenção de Lacan, da incidência da psicanálise num campo teórico, de uma reconstrução teórica e de um retorno a Freud, via estilo.

Seu objetivo é libertar a análise de uma função ortopédica, maniqueísta, livrando-se daquilo tudo que a compromete e a priva de seu poder de corte. Lacan recusa formações filosóficas do "subjetivismo" da Psicologia clássica, como também retifica a prática psicanalítica americana e o psicologismo e pragmatismo anglo-saxônico: reforço do ego, das resistências do narcisismo e de suas identificações imaginárias.

Texto centrado na estruturação do inconsciente, embora se utilize de conceitos desviados com referência plural. Deteremo-nos nas articulações entre Lacan, Saussure, Freud e Descartes.

Instância da Letra

Instance

Instare

Insistance

¹Lacan, J, *Écrits*: 493

Discurso realizado no anfiteatro Descartes (Sorbonne), em 9 de maio de 1957, continuando em discussão num bar.

Instância da Letra é a autoridade da letra, ou seja, a cadeia significativa e sua indefinida suspensão-reaparição do sentido que se apresenta no automatismo de repetição de Freud ("WIEDERHOLUNGSZWANG").

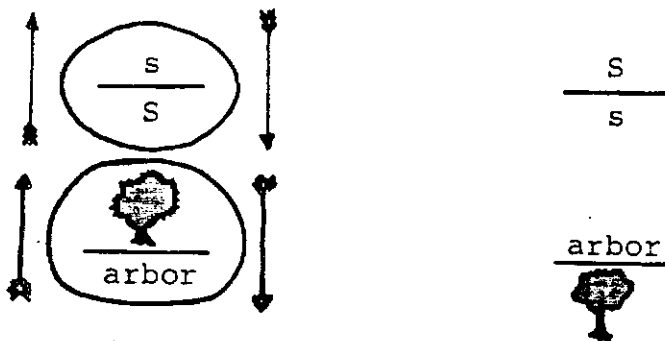
Quanto à letra, diferente do materialismo substancial clássico, é a materialidade singular da linguagem. É o lugar do inconsciente, depois de Freud: "... o que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente é toda a estrutura da linguagem."²

A letra institui-se pelo Grande Outro (A), sistema de convenções significantes; ordem simbólica que determina a posição do sujeito.

Esse sujeito tomado na letra é o da comunicação social, sujeito de linguagem como terceiro termo (cultura) introduzido na dualidade natureza-sociedade de Lévi-Strauss.

Cabe articular Linguística e Psicanálise para que se funde a ciência da letra, pois uma teoria do sujeito implica numa teoria da linguagem.

Na fundação saussureana da ciência da Linguística³, a ciência da letra perverte o esquema do signo.



O algoritmo é o signo que não significa, um corte no signo indissociável (elipse e flechas de implicação) através de uma barra resistente à significação que destrói a função representativa na significação. Daí a crítica à busca do sentido do sentido no Positivismo

2

Lacan, J, *Écrits*: 495

3

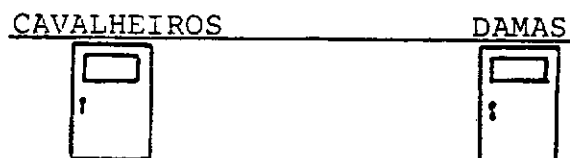
Lacan, J, *Écrits*: 496

Lógico, assim como à teoria saussureana dos "reinos flutuantes"⁴ na qual há um deslizar incessante do significado. O "algo" e o "alguém" do signo são abandonados pelo significante.

"É isso que tornará possível um estudo exato das ligações próprias ao significante e da amplitude da sua função na gênese do significado."⁵

A barra, o corte entre significante e significado, inaugura a ciência da letra, ciência que despreza toda problemática filosófica (a questão do arbitrário) do signo.

Devido à impossibilidade de comparação entre o algoritmo e o esquema saussureano um outro algoritmo é construído.



A partir de uma duplicação, de uma diferença no significante, estabelece-se o processo de significação (ver jogo Fort-Da). O acesso do significante no significado, isto é, "o significante entra de fato no significado" sem apoiar-se de modo algum no segundo.

No exemplo do trem⁶, a eleição do nome da parada corresponde à inscrição de cada criança: "Olha, diz o irmão, chegamos em Senhoras! - Imbecil!"⁷ responde a irmã, não vê que chegamos em Homens!" Sua discussão é feita apenas de significantes que se oferecem à significação.

O significante é a possibilidade de localização e institui a diferença que articula a Lei, produtora de significados (no algoritmo, a lei de segregação urinária).

O algoritmo, como função do significante, possui uma estrutura de significante. Uma cadeia de marcas diferenciais, que, a par-

⁴ Saussure, F. de, Curso de Linguística Geral: 131

⁵ Lacan, J, Écrits: 497

⁶ Lacan, J, Écrits: 500

⁷ Lacan, J, Écrits: 500

tir de posições recíprocas, produzem um sentido (a pontuação, a significância, operação significativa a partir de um significante originário, S_1 , significante da falta no A que articula a cadeia).

A articulação significativa ocorre por meio dos eixos saussureanos paradigmático e sintagmático. O sintagma, eixo metonímico ilustrado pelo paradigma das trinta velas⁸ é uma combinação de lugares, "... anéis formando um colar que se enlaça no anel de um outro colar feito de anéis."⁹ É a gramática, a significância que desliza ao largo da barra. É o "palavra a palavra" da "arte de escrever" e da perseguição política, onde "insiste" o "pouco do sentido" de um desejo que a verdade oprime.

A dimensão horizontal do discurso "necessária mas não suficiente" e a perpétua antecipação do significante sobre o sentido assinalam a profundidade paradigmática (sistemática) da ordem lexical e evocam a teoria dos "pontos de estofo" (pontuação, interrupção do deslizamento do significado pelo significante, que se sujeita sempre a outro significante.

"... é na cadeia do significante que o sentido *insiste*, mas que nenhum dos elementos da cadeia *consiste* na significação da qual ele é capaz no momento mesmo."¹⁰

O texto de Lacan, ao metaforizar, nos convida a transpor a barra, a conotar, dissolver pontuações e perpetuar deslizamentos.

Uma palavra por outra, eis o mecanismo da metáfora, a palavra por excelência (o "WITZ" freudiano), a letra que em sua própria literalidade indica o lugar do sujeito.

"Seu feixe não era avaro nem rancoroso"¹¹ Booz adormecido

No exemplo, o significante fálico "feixe" substitui o significante do nome de um pai (Booz), significante capturado e ausen

8

Lacan, J, *Écrits*: 505

9

Lacan, J, *Écrits*: 502

10

Lacan, J, *Écrits*: 502

11

Verso de Victor Hugo, extraído de uma poesia referente a uma passagem do livro de Ruth (A.T.), evocadora da metáfora paterna.

Lacan, J, *Écrits*: 506

sente, mas presente em conexão metonímica com o resto da frase.

"Feixe", conotando generosidade e fecundidade, evoca em poesia a paternidade. Mistério paternal inconsciente. Entre o significante do Nome-do-Pai e o que o representa metaforicamente reproduz-se o acontecimento mítico, o sentido se produz no não-sentido, engendrando a significação.

"Mas não sentimos nós ... que por ter seguido os caminhos da letra para atingir a verdade freudiana ardemos em seu fogo que nos assalta de todo lado?"¹²

"Essa revelação é a Freud que ela se fez, e sua descoberta, ela a chamou de inconsciente."¹³

A relação entre Freud e Saussure é complexa e todo um arsenal de conceitos psicanalíticos são lançados mais ou menos explicitamente na linguística saussureana: chiste, sintoma, desejo, etc ...

A segunda parte do texto ("A letra no inconsciente") persiste nesta (in)articulação, repete sobre Freud a leitura freudiana de Saussure.

Na "TRAUMDEUTUNG" (Capítulo VII, principalmente), lê-se a letra em Freud. Num Freud à letra, a letra no inconsciente.

Nos modelos freudianos, assim como em todos os elementos do trabalho do sonho ("TRAUMARBEIT"), encontra-se um puro jogo significante. Alguns conceitos são retomados literalmente:

- "ENTSTELLUNG" (transformação, deformação, sempre em ação no discurso inconsciente).

12

Lacan, J, *Écrits*: 509

13

Lacan, J, *Écrits*: 509

- "VERDICHTUNG" (condensação) e "VERSCHIEBUNG" (deslocamento).
- A "RÜCKSICHT DARSTELLBARKEIT" (a figuração do sonho numa "Outra cena").
- O "TRAUMGEDANKE" (elaboração secundária, o processamento do sonho).

Lacan também desenvolve fórmulas:

1) Fórmula Geral:

$f(S) \frac{I}{S}$ A função do significante é pôr um termo sobre a barra resistente à significação. Nas relações entre significante e significado, a resistência da significação.

2) Fórmula da Metonímia:

$f(S \dots S') \tilde{S} (-) s$ A função significante de conexão dos significantes equivale à manutenção da barra. O significado fica fora da captação do significante e, elidido, designa o objeto perdido do desejo, a falta do ser, insistente e indestrutível desejo de outra coisa.

3) Fórmula da Metáfora:

$f(\frac{S'}{S}) S \tilde{S} (+) s$ Substituição de um significante por outro, transposição da barra (+), criação da significação. Produção de sentido via conotação entregue ao permanente deslizar de seu significado. A metáfora coloca o ser em questão e nela se determina o sintoma.

O sujeito freudiano se articula com o filosófico e a "razão desde Freud" consiste numa subversão e dessubstancialização do cogito cartesiano a partir da descentralização do sujeito clássico.

Trata-se da remissão do sujeito imaginário e transcendental (agente, reflexivo, narciso resistente) ego adaptado, a um total desconhecimento. A excentricidade freudiana o fende em sujeito da enunciação (sujeito significante das entrelinhas, do sistema inconsciente) e sujeito do enunciado (sujeito social do sig

nificado, do discurso intencional e do sistema pré-consciente-consciente).

Da perfeita equivalência de lugares do sujeito do "*cogito ergo sum*" *ubi cogito sum* ("Penso, logo existo", onde penso, ali estou) para um sujeito subordinado aos estilos metafórico e metonímico da "Outra cena" inconsciente.

"Eu não sou, lá onde sou o brinquedo de meu pensamento; eu penso no que sou, lá onde eu não penso pensar"¹⁴ expressam um sujeito radicalmente oposto a uma cristalina subjetividade e arrancam o inconsciente e a loucura do domínio do logos (do grego "legein": UNIR).

O ser falta ao sujeito. Ocupando Outra cena o governa pela letra e seu circuito.

A ex-istência do sujeito inconsciente, isto é, sua determinação simbólica possibilita a ficção, daí o conto de Edgar Allan Poe¹⁵ e seu comentário "O seminário sobre *A carta roubada*", pronunciado em 1955, abertura dos "Écrits". Nele, Lacan é tomado pela preocupação com o vulgarismo adquirido pelos termos da segunda tópica freudiana, fazendo-se integrar numa Psicologia Geral. O seminário é uma retomada de "Para Além do Princípio de Prazer"; sobretudo de conceitos como o automatismo de repetição e pulsão de morte (ver jogo "Fort-Da").

Vamos ao conto.

Um drama real, sem palavras, no qual ocorrem duas cenas, uma primitiva e outra que se repete na ordem do dia é sustentado por dois diálogos diferentes num drama simbólico - numa narração.

A primeira cena se passa no camarim real, onde se encontra só a ilustre pessoa da Rainha, quando recebe uma carta que compromete sua segurança e honra. Embaraçada, é tomada de surpresa

14

Lacan, J, *Écrits*: 517

15

Poe E.A., 1981: 209-31

pelo Ministro, poeta e matemático. Esconde descuidadamente a carta sobre a mesa, "virada para baixo, o sobrescrito em cima"¹⁶. Gestos inúteis diante da esperteza do ladrão que com um olho de lince desvenda seu segredo. Cena que se desenvolve como batidas de um relógio: o Ministro finge ler um similar que retira do bolso, deposita-o sobre a mesa e logo após se apodera da suspeitosa carta, forçando ao silêncio a pobre dama, que, do lado de seu real cônjuge a tudo assistiu.

A segunda cena se passa na residência do Ministro, gabinete revistado e esquadrihado com exatidão durante dezoito meses pela polícia de Paris, que imbecilmente em vão se aproveitou de ausências noturnas e freqüentes do morador. Dupin, nosso super-poeta, visita o Ministro, que se encontra femininamente em tédio. Com seus óculos escuros consegue detectar a carta disfarçada e com o mesmo formato, abandonada num porta-cartas dotado de falso brilho em cartolina que pende no consolo da lareira.

Dupin esquece sua tabaqueira sobre a mesa e ao Hotel D ... retorna. Um incidente provocado para a ocasião atrai o Ministro, enquanto o herói se apossa da carta e se despede normalmente, deixando uma cópia ao *monstrum horrendum*, que reconhecerá em sua redação a letra de nosso Sherlock Holmes.

"... Um dêssein se funeste,
S'il n'est digne d'Atrée, est digne de Thyeste."¹⁷

Quanto aos diálogos, se opõem "comme le mot à la parole"¹⁸ e se movem na direção da exatidão à verdade. No primeiro, entre o chefe de polícia e Dupin, um surdo e um que ouve, tem-se a ilusória impressão da neutralidade da transmissão unidirecional, noção imprópria de comunicação. Fica-se no registro da denotação, como na linguagem das abelhas, onde, segundo Émile Benveniste,¹⁹ não

16

Lacan, J, *Écrits*: 13

17

Palavras que se encontram em *Atrée*, do dramaturgo francês Crébillon (séc. XVII)Lacan, J, *Écrits*: 14

Spalding, T, O, 1965: 35

250-1

18

Lacan, *Écrits*: 20

19

Benveniste, É, 1976: 60

há resposta e tudo se reduz a uma mera sinalização da posição do objeto. Já no segundo, a noção de retransmissão na dimensão da linguagem subjaz pelo simples efeito de Dupin contar ao narrador geral da história o que o delegado lhe contou do que lhe contou a Rainha.

Nas duas cenas, os sujeitos se deslocam numa repetição intersubjetiva. São três lugares, termos e tempos lógicos por onde no instante de um olhar uma decisão decanta.

1) — Rei	1) — Polícia
2) — Rainha	2) — Ministro
3) — Ministro	3) — Dupin

É a política de "*l'autruche*", onde:

- 1) olhar cego, nada vê;
- 2) olhar que vê que o primeiro nada vê e se ilude ao crer que se esconde o que encobre;
- 3) olhar que vê que esses dois olhares descobrem para qualquer um o que querem encobrir.

Nessa imissão de sujeitos, um automatismo de repetição se insere na fórmula da comunicação intersubjetiva: "...o emissor, dize mo-lhes, recebe do receptor sua própria mensagem sob uma forma invertida",²⁰ ou seja, a cada instante "une lettre" chega a seu destino, inscrevendo a sexualidade em alguém numa Outra cena.

Refletindo sobre o conto, a carta é revestida de peculiar e material singularidade. Escandaloso significante que ameaça, não importa qual conteúdo e que dissimula, estando e não estando (um "noli me tangere" singular). Seu deslocamento é determinante para os sujeitos que por sua posse chegam à desgraça numa paralisação fatal.

"Mas que o homem seja habitado pelo significante seja o e-

feito mesmo do inconsciente no sentido preciso em que ensinamos que o inconsciente o é ..."²¹

Numa descontínua e cindida duplicação temporal, a carta, significante primordial do recalçado, vem representar a verdade cega e evidente posta em jogo, assim como o destino marcado em "Outra cena". Ela funda um drama no qual pactos estabelecidos comandam sujeitos de um além da significação, origem da estrutura do recalque e do sujeito.

O drama de "A carta roubada" ilustra a teoria freudiana da historização de uma sincronia significante:

"... é a ordem simbólica que é, para o sujeito, constituinte, demonstrando-lhes em uma história a determinação maior que o sujeito recebe do percurso de um significante."²²

É por não ter escapado a uma fascinação empírico-realista que a polícia não obtém a carta, mesmo com "*this litter*" em revista nas mãos. Assim o Ministro sente-se seguro com todo esse estúpido "exame da realidade". Triste ilusão deste "*who dares all things*" que, em feminina e narcísica especularidade com a Rainha, mantém também sua boca fechada. Do que falar? Impossível que brar com a Lei do cosmos e da ordem social, suportada pela dupla real e fundamentalmente pelo imbecil e cego personagem do Rei, que ainda assim encarna a legitimidade do poder absoluto.

O que resta ao Ministro senão esquecer a carta ... Fica então em dependência total desta, que, como o inconsciente do neurótico, não o esquece e retorna através de uma nova e semelhante surpresa.

Um passional apoderar-se da carta por Dupin culmina numa devolução desta ao delegado, em sua destruição e dissolução da estrutura. Deste mesmo modo, a carta, destinada ao Rei a ele chega, significante além de todas as significações. Dupin, ao tocar no dinheiro, aniquila a significação.

²¹ Lacan, J, *Écrits*: 35

²² Lacan, J, *Écrits*: 12

"Que resta agora do significante quando, deslastrado já de sua mensagem para a Rainha, ei-lo invalidado em seu texto a partir de sua saída das mãos do Ministro? ... o que resta de um significante quando ele não tem mais significação"²³?

Além do jogo do "par ou ímpar", nosso mágico traçou considerações religiosas, matemáticas (pobres matemáticos!), linguísticas, especulou sobre o símbolo e a verdade. Encontra a carta porque sabe que a subjetividade não se relaciona com o real, mas com uma sintaxe engendrada por uma marca significante, significante não funcional. Para Dupin, a significação enquanto tal nunca está onde se crê que ela esteja, por isso ele vai ver aí o que há para ver. Ao contrário dos realistas, o escondido não é o que não está em seu lugar, pois o real até em desordem está sempre em seu lugar, não o que é da ordem da verdade.

"É que não se pode dizer *ao pé da letra* que isso está faltando em seu lugar, senão daquilo que pode mudar de lugar, isto é, do simbólico."²⁴

Quando nos despista, aponta para o jogo do "par ou ímpar"²⁵ pista.

Lembra-nos de um garoto prodígio que ganhou todas as bolinhas de vidro da escola numa aposta.²⁶ Num impasse dual, o menino vê-se capturado por uma imagem que lhe retorna. Reflexividade não logicizável nesta problemática penetração psicológica.

Poe nos confunde quando num relance parece esquecer-se de que uma aposta primitiva é causa do aparecimento do simbólico no real. Causalidade simbólica, questão radical:

Será isso assim ou não?
 Ser ou não ser,
 0 A
 + -

²³ Lacan, J, *Écrits*: 39

²⁴ Lacan, J, *Écrits*: 25

²⁵ Lacan, J, *Le Séminaire*, livre II: 207-224 (Cap. XV)

²⁶ Poe, E., A.: 1981: 221-2

O que tal prodígio não percebe é a insuficiência em recursos de um jogo que se restringe em oscilante e indefinidamente atingir um terceiro tempo no qual reúnem-se a imbecilidade e a astúcia.

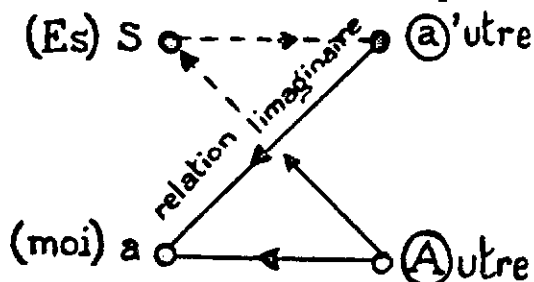
Hã leis que regem todos os lances, o que nos leva a sustentar que desde o início o símbolo joga, organizando uma questão estrutural.

O imaginário desse momento mítico é ponto de partida fundamental mas precário. Aí, ser e signo separados, sujeito decididamente perdido numa imagem fixante, enigmática revelação de um real último. Umbigo e verdadeira significação do sonho, pura dessemelhança entre sujeito e natureza, desvio pulsional.

Lacan define esta fase como "o estágio do espelho",²⁷ quando, entre seis a dezoito meses, o prematuro *infans* antecipa-se e identifica-se narcisicamente numa Gestalt constituinte, forma corporal unificada, sua maturação potencial. Passionalmente, o "je" precipita-se em forma primordial e alienante, sede das identificações, matriz simbólica que garante sua unificação e testemunha sua morte, sempre em face de um "corps morcelé".

Numa dialética temporal e num desdobramento do espaço (do *INNENWELT A UMWELT*), o olhar congela esta estátua, matriz constitutiva do futuro sujeito falante, sujeito do inconsciente, presa da linguagem.

A relação imaginária da fase do espelho centra-se na estrutura do "je", consciência dissociável e tensão diante de um indizível "puro percipi". Tomando-a no Esquema L, o da dialética de intersubjetividade,²⁸ representa o polo que vai de \underline{a} a \underline{a}' . Vejamos:



27

Lacan, J, *Écrits*: 93 a 100

28

Lacan, J, *Écrits*: 53

- a = ideal do ego, efeito de identificações, constituição do "moi" como formação imaginária do ego (Outro).
- a' = ego ideal, relação com o objeto primordial.
- S = sujeito cindido, §
- A = "locus do inconsciente", lugar da Verdade, ordenação dos significantes do simbólico. (Outro).

É especialmente sobre o plano imaginário que ocorre esse além da intersubjetividade que se estabelece com o A absolutamente incognoscível, determinante da própria subjetividade do sujeito, desde onde este último é interrogado. Mediação inefável é o que fala no sujeito, isto é, o discurso inconsciente para narciso que, sem o saber, em face a um ego ideal, mergulha num injuriante desconhecimento.

"... entre esse alguém do Sujeito e esse além do Outro, onde se insere efetivamente a fala ...",²⁹ phantasização imaginária, ilusória consciência pela qual o homem foi originalmente abarcado no simbólico, é subordinada a um além do princípio de prazer, além das ligações, racionalidade e afetos. Aí o inconsciente se coloca além da significação, seguindo leis de combinatória simbólica, onde não há acaso. Basta jogarmos com uma dessas máquinas de calcular atuais para que em pouco tempo fiquemos literalmente exaustos por tentar adivinhar o jogo de nossa moderna adversária.

Na inércia simbólica do sujeito inconsciente que joga ao a caso há um automatismo de repetição que se confirma na logicidade do discurso.

Para Freud, a insistência dos fenômenos do automatismo eram de motivação transbiológica, pré-vital (lembremo-nos que, no conto de Poe, a carta aprisionava quem dela se apoderava, não interessando particularidades individuais e existenciais).

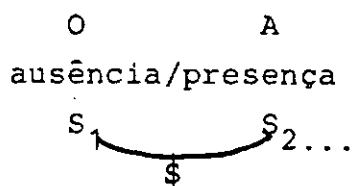
O destino sexual, ou seja, a constituição do sujeito se faz na linguagem. Entre dois significantes ele se dimensiona e

29

Lacan, J, *Écrits*: 53-54

se historiza numa sucessão de integrações.³⁰

"O inconsciente é o discurso do Outro" quer dizer que o su jeito cindido se constitui por uma marca estrutural simbólica, por uma escrita e fala do inconsciente, significantes vazios de significado que se combinam segundo leis retóricas da metáfora e metonímia. Basta a diferenciação entre dois fonemas (ver jogo do carretel) para que emergja uma função simbólica de significância. Elementos descontínuos na continuidade do discurso se articulam, daí a produção do sentido como representação do sujeito na linguagem.



Inscrição pulsional desejante, lugar de onde a carência básica é colocada e jogada no simbólico por meio de uma interrogação, função de prova.

Na teoria lacaniana o que falta é o objeto (l'objet petit a), carência real. É de seu lugar que se deve designar o sujeito. No Fort-Da, o símbolo assassina a coisa e numa provocação antecipa alternadamente sua ausência e presença. Para Lacan, muito mais importante que se tornar agente do jogo é a descoberta pela criança de um vazio. Abertura estrutural introduzida por uma ausência, causa de um abandono centrífugo do carretel. Numa espécie de automutilação, a criança desprende algo de seu corpo, diferenciando-o como zona de investimento e erogeneidade.

Em resposta o sujeito testemunha essa ausência tomando-a como prova numa incansável tentativa de restituição do objeto:

"É no momento de sua conjunção essencial, ..., no ponto zero do desejo, que o objeto humano cai sob o golpe da dificuldade, que, anulando sua propriedade natural, o subjuga doravante às

30

Lacan, J, *Écrits*: 16

condições do símbolo." ³¹

Na teoria freudiana, o objeto é o verdadeiro buraco no real. Lacan o relê metonimicamente enquanto objeto do desejo, diferindo do desejo de um objeto (condutismo).

É o segredo do desejo do Outro (A) que mediatiza todo saber humano e constitui meu desejo, sempre desejo de outra coisa. Na dialética do desejo, o desejo é o desejo de reconhecimento, desejo de reconhecimento do desejo, desejo do desejo do A, desejo de ser desejado pelo A, desejo de ser o objeto do desejo do A.

Homem irrisório de referência incerta, onde, muito além da necessidade e da demanda de amor, deseja como sujeito do inconsciente, fundamentalmente separado do objeto pelo fantasma.

No conto, o significante do desejo inconsciente é a carta, significante faltoso, S_1 da castração. É um interdito que materia liza a pulsão de morte. O significante desloca-se do seu lugar e a ele retorna circularmente, num automatismo de repetição (efeito de "APRÈS-COUP", "NACHTRÄGLICH").

A carta não pode ser resgatada pois não é um objeto qualquer e sim o significante do Nome-do-Pai que liga a memória à Lei. Sujeito radical "... unidade de ser único, não sendo por natureza símbolo senão de uma ausência. E é assim que não se pode dizer da carta roubada que seja preciso, contrariamente aos outros objetos, que ela esteja ou não esteja em algum lugar, mas sim que, por sua diferença ela estará e não estará lá onde ela está, onde quer que ela vá." ³²

De modo encoberto, permite a entrada do sujeito na ordem simbólica por um momento genético que se repetirá mais elaboradamente "toda vez que o sujeito se dirige ao Outro como absoluto, isto é, como o Outro que pode anulá-lo ele próprio, da mesma maneira pela qual pode agir com ele, isto é, fazendo-se objeto para enganá-lo." ³³

³¹
Lacan, J, Écrits: 46

³²
Lacan, J, Écrits: 24

³³
Lacan, J, Écrits: 53

CAPÍTULO 3 - TUMULTUADO VÔO RASANTE

Este capítulo, anteriormente intitulado UM VÔO RASANTE, consistia na análise da apresentação de um caso clínico. Representando um ritual de passagem na prática pedagógica psicanalítica, através desta apresentação "X" obteve o título de Membro Associado de uma determinada instituição psicanalítica.

Respeitando a proibição de sua divulgação, considerações a respeito foram traçadas sem qualquer dado biográfico da paciente e da psicanalista. Tal caso, porém, não pôde integrar-se à minha dissertação, visto que ao Código de Ética profissional dos Psicólogos³⁴ estão submetidos Psicólogos, Professores Psicólogos e Instituições de Ensino de Psicologia.

A almejada sociedade psicanalítica protege-se contra a divulgação de seus achados que, expostos, abririam portas à contestação, já que o analista não pode cair no lugar do que sabe. Verifica-se que a tal sociedade produz um saber inquestionável e se assegura da autocertificação.

Como pode esta ilustrar e defender a originalidade e especificidade de um trabalho no qual a corporação se reconhece, quando de fato a ilustração se mantém confinada no interior da própria instituição?

34

ver Art. 31, d),
Art. 43,
Art. 50

Desse modo, a transmissão psicanalítica afasta-se do testemunho simbólico e estagna numa relação imaginária, enquanto que a entrada na comunidade é submetida a efeitos identificatórios uniformes. O silêncio reina e, em conformidade, os membros se sujeitam e impedem a discussão.

Mas ela continua ...

Devido a todos esses entraves, o título deste capítulo transformou-se em TUMULTUADO VÔO RASANTE. O caso clínico agora analisado foi publicado na Revista Brasileira de Psicanálise (vol. XIII, nº 4 - 1979) sob o título "Uma Face do Tumulto" e encontra-se em anexo (pág. 54).

Vamos ao caso.

Moacir, segundo seu psicanalista, substitui a mãe por uma prima, sendo esta muito chegada à mãe. "Pena é que me apareceu impotência ... Não sei o que houve : sempre fui potente!..." Diz que está namorando não para casar, enquanto no analista bate a impressão imediata de que o analisando considera a mãe prostituta. Impressão que perdura *dentro* dele, fazendo-o hesitar quanto a lhe dizer algo do qual esteja enganado em sua *impressão e sensação*.

O não casar passa assim a ter um vivo colorido pejorativo e Moacir rapidamente se insere no modelo: substituição da figura da mãe prostituta mais dificuldades de ereção indica bloqueio emocional por fantasia sexual infantil de querer casar-se com a mãe.

"Acredito que ao considerá-la prostituída ou o equivalente, pelo ciúme de sabê-la capaz de atividade sexual e sentir-se infeliz por não encontrar em si autorização suficiente ou forças para consumir a execução de tal desejo instintivo, ataca-a ou hostiliza-a continuamente, sem ver que se vingá!"

Num golpe certo pulsão confunde-se com instinto, onde na teoria freudiana a distinção é radical. O objeto das questionáveis necessidades instintivas humanas é natural, mas o objeto pul

sional é o objeto do desejo, o que há de mais variável e contingente no circuito da pulsão desejante, objeto real incognoscível e produtor da primeira satisfação perdida (ver Capítulo 1, páginas 4 a 10, 13, 17 e 24. Segundo Freud, o objeto pulsional fantasmático instaura o recalçamento e a linguagem. O sujeito perdido eternamente buscará por este objeto faltoso e não nomeável).

"... surpreso diante do fato de que a prima, conquanto muito amiga da mãe, não é a mãe, e quer a relação sexual com ele, e casar-se com ele, e ele, não sabe porque, se também quer, porque não encontra em si a resposta instintiva, se, em seu entender, de seja-a e se sente movido à relação?!..."

O psicanalista em questão em grande mistura conceitual acredita numa sexualidade padrão, resposta instintiva imediata. Moacir, segundo ele, deveria ir naturalmente ao encontro de sua prima, mas este não lhe parece muito adepto de um relacionamento genital (ver Capítulo 1 - páginas 4,5,7,8,9,10,13 e 24. Na teoria freudiana, a genitalidade está sujeita à parcialidade das pulsões, perversão básica da humanidade).

"A escolha tem que ser sobre alguém que possa substituir, de modo adequado, o modelo que se busca", diz o analista. Submetido, o cliente pouco a pouco vai satisfazendo às bombardeantes e consecutivas imposições do analista, que a cada instante lhe desfere nova chicotada.

"Na hora, acho que pensei em minha mãe. Deve ter sido isso que me atrapalhou." Assim, o paciente toma abrupta consciência de desejos sexuais pela figura da mãe e começa a delinear inúmeras manifestações: hiperadrenalinemia por pânico, hiperventilação pulmonar, hipercapnia e por aí vai. Entrementes, seu analista detalhada e impassivelmente observa tão intensos fenômenos psicossomáticos num corpo que não é o erógeno.

Não basta a percepção de atitudes. Neste logro corporal, a ausculta impossibilita a escuta, dando-se ênfase ao cenário de toda uma imaginária. O incrível é que, apesar da familiaridade com que o analista vai enumerando os sintomas de seu paciente nesta nosografia psiquiátrica, alguns lhe escapam à compreensão devido

à pouca frequência com que já foram vistos e ouvidos em sua prática.

Lastimando-se e vestindo a carapuça de monstro, Moacir retruca: "Eu sabia que ia sofrer na Psicanálise ... mas ... está demais!... Eu não sabia que ia ser assim!... Meus amigos me diziam que era duro!..."Pobre cliente ...

Seu analista preocupa-se apenas com o horário da sessão. Diz ele no seu artigo:

"O horário da sessão está terminando. Mas, só pelo meu relógio. Na sua condição, o paciente me parece imerso num quadro manifesto de fenômenos inusitados, em plena vitalidade e expressão. Em nada se assemelha à lise habitual de fim de hora psicanalítica, dentro do ritmo habitual de começo, estado e terminação, com apagamento de manifestações emocionais." Sua sensação é de que "o paciente percebe que o horário terminou e nossa hora vai avançando no relógio que não para."

Entretanto, Moacir não consegue sair do consultório, talvez pela dura suspeita de estar sendo com um certo esmero expulso de lá.

Afinal, o tempo é cronológico e "Apesar do estado extremamente ruidoso e turbulento do analisando, também pelo adiantado da hora que já avançava, pelo meu relógio, em cerca de doze minutos o término", o analista preocupado é apanhado em flagrante.

Ele não adere à arte de pontuar, suspensão discursiva que faz emergir o sentido, distinto de uma meta para a qual esteja sendo guiado o inconsciente. O inconsciente não tem e produz sentido, isto é, o inconsciente joga. No exemplo AI/QUERIDA/ASSIM / NÃO/PODEMOS/CONTINUAR é a metaforização que pontua, interrompe e dá sentido ao deslizamento metonímico.

Moacir, exaurido pela metonimização parece uma face do tu muito, da culpa e do desalento, numa expressão dramática de fatal necessidade de suicídio. Resta-lhe somente desligar-se da realidade ...

Que necessidade de punição será esta tão longe das pulsões de morte da segunda tópica freudiana? (ver Capítulo 1 - páginas de 11 a 13. Aí, a hipótese da existência das pulsões de morte vincula-se ao desejo e à "(im)possibilidade" da palavra, distingue-se das necessidades instintivas).

Atormentado e louco, Moacir, com relutância, abandona o local, para satisfação do analista que se adentra em discussão um tanto frágil do caso, cada signo logo em referência a outro.

O que não é simbolizado recai no real e todo esse arsenal fenomênico utilizado pelo analista marca a impossibilidade da articulação simbólico-imaginário nesta prática.

"O aprender não existe para quem não insiste em pensar o que não sabe."

Frase um tanto intrigante para quem modela e clausura o inesperado. Para ele o analista se dispõe a não esperar, "se nem sabe o que esperar!". Como então acrescenta:

"Dizer, por outro lado, que o psicanalista não prevê, nem antecipa, talvez não seja propriamente o que se passa. O singular do acontecimento é que a manifestação começa e se avoluma; passa a adquirir força à medida que o analisando fala, e toma conta da sessão. Mostra-se francamente em marcha, esgueira-se pelos desvãos das associações chamadas livres e chega ao entreluzir consciente, por frestas de falhas de repressão."?

"A idéia de que no psicanalista, manifestações inadvertidas ou súbitas, inesperadas mesmo, num céu claro de outras comunicações, denunciam o emergir de constelações captadas no eixo expressivo do analisando, fala em favor do não-esperado, porém percebido - que caminham ambos em processo de afloramento."

Na guarda do processo psicanalítico, as produções inconscientes são captadas e percebidas, manifestações subitamente aprisionadas num saber sabido (ver Capítulo 1 - páginas 4 a 6. As produções inconscientes expressam impulsos desejantes indestrutíveis não apreensíveis). Falta ao analista saber que a ciência da letra é um sa-

ber do insabível, suposto saber, saber do inconsciente. Na (im)possibilidade da palavra, o desejo escapole, no lugar da pulsão há uma lacuna na possibilidade de representação. Aí onde o sujeito tropeça em seu discurso, há uma discordância com um real sexual que o cinde, exclui e potencialmente pode esfacelá-lo (ver Capítulo 1 - páginas de 4 a 10, 13, 17, 23, 24 e 25).

No entanto, o analista, iludido, busca um nã patógeno que nem Freud nem mesmo Breuer conseguiram encontrar em já tempos idos : "... crescia-me a desconfiança, muito firme, de estar decididamente se encaminhando para ser uma estruturação de interesse sexual pela mãe, aquilo que, por certo, constituía-se face de algo profundo e mais reguardado em nível psíquico ..." Deste núcleo, o sujeito nada pode dizer e inutilmente o analista mergulha num roteiro superfície -profundidade.

De ego a ego ("d'égauX à égauX"), a cura vai caminhando como um processo policial que, num *hic et nunc* rotineiro, tenta trazer o réu à realidade, solicitando incidências reais presentes. Dimensão cômica inserida nesta prática causalista, onde o sujeito deve transformar-se no seu presente por meio de explicações do passado. Capturado numa objetivação, Moacir fala e sutura o inconsciente, fazendo desaparecer a hiância (ver Capítulo 1 - páginas de 4 a 10 e 13. Como suturar algo da ordem do não nomeável?).

Como falar, se para o analista ..."a Psicanálise é parte da vida do psicanalista, tira-lhe, com certeza, o sentido forte de intencionalidade no trabalho. Quem vive e revive na intuição, na surpresa da entrega ou na fluidez do improvisado psicanalítico, não premedita. Se interrogado não sabe de imediato por que aceita ou por que interpreta. O que capta não lhe pertence ... Apenas entrega ao dono o que dele recebe."?

Provavelmente deve haver um certo grau de intencionalidade nesta previsão intuitiva um tanto insustentável.

Quanto às sucessivas interpretações que permeiam o relato, seguindo o analista, "... vem de dentro. Do fundo do ser do psicanalista. De lá, para onde a comunicação acaba de se encaminhar. Não condiz dizer-se que é deturpada, nem plagiada. Não é réplica. É

produzida no original. Além disso é a própria, aquela suscitada pelo que o analisando fornece. É a teoria psicanalítica feita articulação devolutiva. Se ele, analisando, diz que sente assim, e sente isso, não seria o psicanalista a dizer diferente. Ou não seria psicanalista. Contestador, talvez; inventor; ou que tal. O sentimento do analisando é dele e a ele retorna. Não fica com o psicanalista."

Aqui, ignora-se que fazer falar é o tema de uma prática psicanalítica, onde a demanda é intransitiva (ver Capítulo 1 - páginas de 4 a 10, 13, 17 e 24. A demanda amorosa está sempre se dando até o limite da morte). Ao invés de presentear o paciente com objetos, o analista dá seu próprio corpo, sua presença e escuta, condições da fala.

Num desconhecer essencial ao conhecimento, o sujeito quer saber dele mesmo e emite a mensagem de seu aprisionamento.

Que queres?

"Che vuoi?"

O que quer o psicanalista de mim?

Do Outro a questão volta ao sujeito e o conduz ao caminho do seu desejo.

Podemos vislumbrar em que consiste a cura nesta prática em análise?

Trata-se de uma identificação do paciente com o *ser* do analista e de uma exaustiva discussão dual a respeito de uma certa objetividade que estaria ali depositada. Daí a recorrência a critérios de mundo externo/mundo interno em: "... perdura dentro de mim aquela impressão ...", "... pela condição de estar dentro de fantasias sexuais com a mãe ..." "(Faz uma reflexão, talvez vinculando fatos dentro de si)", etc ...

Em oposição, a cura para Freud e Lacan se dá através da fala deste sujeito que apela pelo complemento do Outro. O que faz o analista é voltar-se para a escuta das descontinuidades do sentido, isto é, efeitos significantes do discurso inconsciente (palavra plena).

O profissional em questão desconhece a existência e mudez do Outro e um "*Che vuoi*" invertido. Não há resposta por parte deste estranho real e cindido, o analista faz-se puro ego. De acordo com ele, Moacir é: "... o guia - e o único, e certo - segui-lo não custa. Tudo nele é informação; e significa; compondo o contexto presente." Entregando a Moacir o que recebe num aprimorado exercício de troca de papéis e mergulho no domínio dos significados, seu analista atua, mas não age na prática, pois cai na empiria deste lugar do A e não dá espaço para o surgimento de uma prática questionadora da análise e do analista. Seu interesse não é o de relativizar a experiência freudiana. Assim é improvável que suporte ocupar o espaço de farsante sem se imaginarizar neste lugar do Outro que lhe é dado.

Como que para se justificar das explicações com as quais esclarece e compreende Moacir, seu analista recorre à pesquisa, faz levantamentos e catalogação. O Complexo de Édipo é ilustrado com o propósito de um encaixe aprimorado do cliente nas bibliografias citadas.

Eis que, logo após o levantamento de textos, o paciente revela algo inesperado; "(embora dentro de mim não permaneça dúvida quanto à minha suspeita que haveria de vir)", comenta o analista. Moacir, como que num passe de mágica, confirma os dados obtidos nas consultas bibliográficas. Tem relações com um travesti, masturbando-o ("Tinha medo que o senhor me desse uma bronca!"). Confessa já ter dado a bunda quando criança, assim como ter tido relações sexuais com o irmão e a irmã. Quando parece indicar um "happy end" evolutivo da análise (namoro com uma menina liberada, psicanalisada, sem problemas), seu analista irrompe num delírio interpretativo, fazendo com que o cliente novamente se adeque, passando a considerar doida e de vida fácil a namorada.

"Nas várias manifestações que Moacir apresenta nas sessões, sobrepõe o caráter de imprevisibilidade em suas comunicações. Não creio revele uma linha constante de comportamento, num horário inteiro. Refiro-me a que as interpretações parecem ter um efeito modificador intenso sobre ele. E rapidamente, às vezes na própria sessão. Começa falando num tema, está convicto de sua atitude e opinião, prossegue enumerando os proveitos desse seu modo de encarar

os fatos que refere, e assim que ouve algo a respeito do que participa, responde mudando de maneira de pensar e de concepção."

O analista não conseguiu prever tão rápida submissão do cliente a seu comando ...

Na sessão seguinte, ou duas após, Moacir novamente é moldado pelas deduções do analista que mais tirânico do que nunca, leva-o a querer entregar as chaves do apartamento que a prima lhe emprestou, por não assumir responsabilidades, não pensar na possibilidade de ser pai, selecionar as pessoas, etc ...

"... o senhor...sempre em busca de alguém que cuide do senhor ... Que lhe forneça, sem ônus para o senhor ou compromisso, o que acha que lhe falta ... sua nutrição ... O sustento seu. Proveniente a todas as suas necessidades, e o senhor colocado numa espécie de berço ... como se precisasse de alguma figura maior que proteja o senhor como uma criancinha."

Passivamente, o cliente aceita e compreende tratar-se de sua mãe, cão fiel diante de tratamento tão magisterial.

Nesta narrativa afetiva e sentimental, o analista terapia o psíquico e demonstra uma prática egóica, fornecedora de objeto às exigências da demanda (ver Capítulo 1 - páginas de 4 a 10,13,17 e 24). Responde e sugere pois sua escuta não aguenta a angústia (invasão do real no imaginário) estruturante para o sujeito.

Sujeito este que está aí lançado no mundo sem finalidade e sem tanto poder como imagina.

Antes de tudo, ele é pensado, assujeitado a uma normalidade estrutural (neurótica, psicótica e perversa) que o localiza nesta tríada, sujeito do inconsciente, por onde a inscrição do Nome-do-Pai está em jogo.

Tal analista desconhece o nível do interdito na prática psicanalítica, isto é, trata-se de um S_1 qualquer nela produzido e que nunca vai aparecer. Ele vem deste lugar impossível do analista e de seu testemunho e possibilita a significação do que não se conhece. Corrigindo e pedagogizando o analisando, o analista igno-

ra que o sujeito sempre diz o que não está dizendo.

Já que Moacir não se identifica com seu sintoma, não se pode ver qual é a função do objeto humano na adequação do real e imaginário, ou seja, como este discurso sintomático articula a demanda do sujeito.

Interrompemos a análise da apresentação, interrogando-nos a cerca da transmissão - passe de um saber psicanalítico nesta prática temerosa de um encontro incontestavelmente falto.

CONCLUSÕES

O que podemos falar do tão dilacerado e carcomido conceito de inconsciente, num *hic et nunc*?

Torcido e retorcido, em práticas psicanalíticas, vai lentamente desvanecendo, Deus por seitas castigado.

Há quase um século Freud descobriu o inconsciente. Foram as histéricas, suas ajudantes, que mudaram radicalmente o curso de seus interesses. A psicanálise começa a desvendar o saber do inconsciente.

Emmy interfere, ela quer saber o que não pode saber. Ponto decisivo na história da psicanálise, quando Freud acede ao *não sei* denegatório de sua cliente e a deixa prosseguir. Ele entra no campo do Outro, no campo do sujeito do suposto saber, impossível saber do inconsciente.

Na sessão de doze de maio, Emmy demanda. O "por que" de suas dores de estômago espera uma resposta de Freud, que se cala e deixa que ela lhe fale livremente. Emmy fala, produz suposto saber, o que permite a associação livre.

E assim, no nível clínico da etiologia das psiconeuroses, Freud percorre do trauma ao fantasma. A questão da origem lhe é fascinante e em "A Interpretação dos Sonhos", o objeto alucinado luta pela recuperação de uma forma mínima deste real sexual que escapa e traumáticamente desperta a vida psíquica.

O sujeito é presa de uma interrogação que lhe abre portas para a conquista de seu estilo, ali onde a sexualidade inscreve a diferença. No drama de uma demanda inicial, a pulsão se instaura numa zona de sombra.

O campo freudiano é o da perda, encontro do real para além do princípio de prazer, para além do que o sonho escondeu em sua representação. Nele, a pulsão (tesouro dos significantes), quando representada, escapole e traumatiza. Daí a insistência das arti-

culações significantes que, em processo primário buscam encobrir o lugar do encontro com o real.

A clínica psicanalítica é formulada a partir de uma articulação real-simbólico e confirma a teoria do inconsciente. Ela lida com a questão do sujeito e do saber, ou seja, o saber (S_2) articulado com o saber do Outro (S_1), saber insabível. Freud testemunha deste lugar insuportável do analista e por isso produz saber (escrita) psicanalítico. Em 1900, antecipa Saussure ao voltar-se para a estrutura de linguagem do sonho e suas ordenações simbólicas.

O desejo onírico não se aprisiona por significados e localiza-se neste limite mesmo da Psicanálise, via real do inconsciente.

Pouco a pouco, o inconsciente vai-se empobrecendo através de múltiplos desvios que, numa segunda tópica freudiana, já se evidenciam. A descoberta de um ego inconsciente proporciona condições para que adeptos do psicologismo abusem dos famosos mecanismos de defesa do ego e de todo um arsenal fenomenológico.

O ego passa a ser o lugar da cura e o fundamental é que se o padronize. Dependendo do ser do analista, uma reação dual pode findar em narcísica síntese ou em conflito mortal, este último bastante familiar nas sociedades psicanalíticas.

A prática analisada, imersa no imaginário, não legitima a teoria, pois sutura a hiância, posto que o diagnóstico, antecedendo o discurso do cliente, lhe é logo imputado, impedindo-o de falar.

Um ego inflado é o objetivo da cura, deixando a comunidade muito honrada, por conseguir mais uma vez fabricar um crédulo.

A que se deve tantas consecutivas apropriações do conceito de inconsciente?

Enquanto os analistas se proliferam nas leis da oferta e da procura, cativante mentira é a de persuadir o outro de que se

tem o que procura, restando ao paciente a garantia de continuar a desconhecer o que lhe falta. Ele é proibido de desejar através de uma prática onde não há falhas.

O que dizer, então, desta rachadura sexual pouco natural, cuja moral é a do inconsciente? Sabemos que para Freud a zona erógena permanece isolada de um metabolismo funcional e que jamais fica referida numa totalidade unificada.

"Wo Es war, soll Ich werden" quer dizer: lá onde o isso ("Ca") fora, eu terei sido. Onde o sujeito é apanhado pelo significante, ele aí não mais está, ou seja, o Outro é o lugar para o sujeito de sua causa significante, antes de tudo causa perdida.

O analista, fazendo-se ator do lugar do Outro, estrutura todas as formações do inconsciente e, morto, silencia diante de um sujeito carente e desejante, constituído por esse jogo do significante.

Assim, constatamos que no exemplo clínico analisado o inconsciente não se coloca do lado de fora e sim do lado de dentro, facilitando a apreensão.

Deste modo, cada vez mais eficazmente se estende a terrível distância que se estabelece em relação aos ensinamentos freudianos.

A manutenção religiosa desta ortopedia pedagógica nas nossas atuais sociedades psicanalíticas fortalece-se e o inconsciente incognoscível aí se concretiza.

Será possível a instituição assumir a "subversão" do inconsciente?

UMA FACE DO TUMULTO

SINOPSE: Expressão abrupta, na sessão, de consciência de desejos sexuais pela figura da mãe recém-encontrada, como defesa contra antigos sentimentos de ódio de correntes de rejeição sofrida com o abandono. Manifestação de intensos fenômenos psicossomáticos do tipo da hiperadrenalinemia como resposta ao pânico experimentado. Percepção de necessidades suicidas, intensamente voltadas contra a figura materna, com quem se identifica, tanto no interesse amoroso pelo pai como no desprezo por ele.

UNITERMOS: Impotência sexual. Relação com prima. Ódio pela mãe. Consciência de complexo de Édipo. Fenômenos respiratórios e circulatórios na sessão. Hiperpnéia e hipercapnia. Estalos de articulações. Resposta de contraturas musculares das mãos. Pulsões suicidas por identificação com a mãe, considerada monstruosa.

Em tom baixo, o paciente fala, pausado e calmo:

— Estou satisfeito. Encontrei uma prima, por parte de minha mãe. Gosto dela. Estamos namorando. Fala-me muito de minha mãe; são grandes amigas. Ela também é de Pedro Leopoldo. Estamos transando.

— *(Fazendo com a boca um muxoxo, aliás ruído frequente no analisando)* — Pena é que me apareceu impotência — *(Pausa curta, com o ruído)* — Não sei o que houve: sempre fui potente! ...

— Então já é possível casar.

— Não penso nisso! Não é para casar; estou namorando ...

— Substitui outra pessoa ...

— É. Substitui. Ela conversa muito com minha mãe.

— *(Fica-me, nesse ponto, a idéia de que o analisando considera a namorada pessoa desvalorizada ou prostituída. Tenho, porém, a sensação de que não lhe devo dizer isso; inclusive pelo risco de estar enganado em minha impressão e expor o trabalho psicanalítico a um impacto despropositado sobre o analisando. Como perdura dentro de mim aquela impressão, decido-me a dizer-lhe, um pouco a medo):*

— Pessoa promíscua ...

— *(Com naturalidade, o paciente responde) — Mas, o gosto de minha mãe — (Quase sem pausa) — Meu pai é que foi culpado. Não gosta de nada! Não conversa. Não vai a cinema; a um teatro. Não tem amigos! ... É só trabalho — (E, mudando de tom, parecendo descontraído, possivelmente alegre) — Minha mãe é alegre — (Aqui me bate a impressão imediata de que o analisando considera a mãe prostituta. Mas ele prossegue, naturalmente) — (Gosta de convivência! É muito dada! ...*

— Pessoa promíscua é para casar — *(Digo-lhe isto, lembrando-me do interesse do analisando por namorar a prima muito amiga da mãe, manifestando, porém, impotência ao tentar relações sexuais com ela. Uso a expressão — para casar — visando a atrair-lhe a atenção para o fato de que, preferir ou escolher estar com alguém que, de algum modo insuspeitado, lhe substitui a figura da mãe prostituta, e apresentar dificuldades de ereção, indica algo referente a bloqueio emocional por fantasia sexual infantil de querer casar-se com a mãe — como se usa dizer à criança hostil de cerca de cinco anos de idade, muito agressiva com a mãe.*

Acredito que, ao considerá-la prostituída, ou o equivalente, pelo ciúme de sabê-la capaz de atividade sexual e sentir-se infeliz por não encontrar em si autorização suficiente ou forças para consumir a execução de tal desejo instintivo, ataca-a ou hostiliza-a continuamente, sem ver que se vingará! Além disso, parece-me que manifestar hoje frustração e impotência antigas, acompanhadas pelo aborrecimento de, surpreso diante do fato de que a prima, quanto muito amiga da mãe, não é a mãe, e quer a relação sexual

com ele, e casar-se com ele, e ele, não sabe porque, se também quer, por que não encontra em si a resposta instintiva, se, em seu entender, deseja-a e se sente movido à relação?!

A idéia, pois, que me vem de precisar lhe dizer isto, baseia-se por conseguinte no fundamento de que, em pequeno, naquela idade mencionada por volta de quatro a seis anos, ele querer casar-se com a mãe foi-lhe, por certo, algo muito intenso, duradouro e compulsivo. Durante todo um longo período, isto deve ter-lhe parecido desonesto, inadequado, perigoso, provocador de culpa, de excitação sexual e de envolvimento afetivo. Possivelmente também, conjecturo, comprazia-se, com demora na ação optativa, sabendo-a censurável, a prisionado no prazer que sentia condenável. Viveu, como vivem todos, a certeza de experimentar isso, tal se vê e se acompanha em todas as crianças que se podem observar, com as decorrências naturais antes mencionadas.

Por isso me pareceu necessário dizer ao analisando a frase que o aproximasse de dois contrários pólos, ambos a respeito da figura da genitora. Ao que ele retruca:)

— Minha prima tem 34 anos. Sô namoro gente assim: 39, 36, 32. Sei que devia procurar uma garota de 19 anos. Mas, não consigo. E tenho raiva — (Pausa curta, mudando o tom de voz para mais animado e já sem o tom de resignação um tanto comodista de antes) — Meus primos é que dão sorte com mulher! — (Cheio de admiração) — Arranjam cada garota! ... Muito bacanas. Sô gente fina ... — (Aqui o analisando parece hesitar diante da idéia de estar fazendo galhofa dos parentes abonados, ou acreditando neles) — Mas, eu não consigo. No grupo deles, no Leblon, há uma argentina, mas ela tem 32. E não posso pegá-la.

— (Parece que o paciente procura me dar a entender que não se considera, no caso, muito requestado por alguém que, como descreve, mais precisa dele que ele dela, e que, paradoxalmente, insinua que não vai conseguir impedir-se de avançar sobre aquela mulher, e apenas teme as conseqüências de sentir-se inadequado, canhestro e impotente para o relacionamento.) Digo-lhe:

— Mulher é para pegar. O senhor acha que não vem espontaneamente.

— Arranjei uma garota, mas tenho acanhamento de sair com ela. É gente humilde. — *(De repente parece dar-se conta de algo evidente, insofismável e fala de modo natural)* — Eu também sou. Sou de família humilde. Ela é balconista. Falo com ela, mas não consigo fazer um programa, sair junto.

— A escolha tem que ser sobre alguém que possa substituir, de modo adequado, o modelo que se busca.

— Não sei o que aconteceu com minha prima! Não havia ninguém em casa. E, no quarto, fui logo me deitando com ela — *(Com os muxoxos que invariavelmente pontilham seus relatos de malogros)* — E não consegui nada — *(Como que mudando de opinião, e talvez tentando justificar-se)* — Gosto muito dela! Mas não é para isso!

— O senhor quer outra pessoa que ela representa.

— Ela é muito amiga de minha mãe ... — *(Nesse ponto, embora aparentemente nada haja acontecido, o paciente me dá a impressão de falar de modo reticente. Não sei se dando-me a impressão de como arrependido de dizer o que me está comunicando).*

— Uma figura pode perfeitamente substituir outra.

— Quando estávamos transando, pensei nisso; pensei que ela era muito ligada à minha mãe. — *(O paciente faz, intensa e repetidamente, com a boca o ruído de muxoro, como de bastante desagrado, ou de pesar, e à medida que fala repete-o muito e muito, lastimando-se, não sei bem, se de estar sem ereção para a relação sexual com a prima ou pela condição de estar dentro — acho que está — estar dentro de fantasias de relações sexuais com a mãe, que só veio a conhecer há cerca de um mês, por ter vivido esse tempo de sua infância até hoje em companhia de madrasta, a quem chama de mãe, e separado daquela).*

Os muxoxos, um seguido do outro, me dão a impressão de estar o analisando aborrecido e muito irritado com o fato, possivelmente surpreendente, de se dar conta de que está num relacionamento sexual com a figura da mãe. Ele fala entrecortado com pausas, está triste e ao que parece amedrontado). Prossegue:

— Na hora, acho que pensei em minha mãe. Deve ter sido isso que me atrapalhou. — *(O paciente está com a respiração profunda e — assistindo àquele levantar e abaixar de tórax jovem, forte, respirando com tamanha profundidade e freqüência — não posso evitar pensar nos efeitos da hiperadrenalinemia por pânico, sobre um organismo nesse estado de tensão emocional, ficando a considerar o a parecimento de um possível dito ataque histérico por hiperventilação pulmonar e hipercapnia, naquele momento.*

O paciente diz com voz entrecortada) - Estou me sentindo mal ... — (Estala alto a articulação do tornozelo esquerdo, ao realizar ampla flexão-distensão do pé. Não cessa de muxoxar e falar baixo, de modo lamuriento, com a fisionomia atormentada e sumamente contraída no que me parece um esgar de máscara, agora tendendo ao cinzento no amulatado de sua tez). Prossegue com voz chorosa:

— Estou me achando um monstro! ... Não sei o que pensar ... Mas, é monstruoso de minha parte pensar isso! ... Antes de encontrar minha mãe eu pensava nisso: — *(Em tom mais baixo) — que eu tinha vontade de transar com ela. Quando a encontrei me impressionou muito ela me abraçar de frente. — (Faz uma reflexão, talvez vinculando fatos dentro de si) — Acho que minha prima também! ... — (Com uma pausa relativamente curta, conclusiva na aparência) — Foi depois, que não consegui nada com minha prima.*

— Para o senhor, a prima relatou o ocorrido à sua mãe; agora o senhor acha que a prima estaria procurando sua potência escondida.

— *(Num tom de voz rápido e agastado) — Acho horrível isso. — (O paciente, no momento, não só respira ruidosamente alto e forte como mistura soluços repentinos num choro que aumenta e que, a princípio, me fico perguntando se, na verdade, ele não estará mais se rindo que chorando ou se não estará se rindo também enquanto chora, pelo ruído, no momento, para mim indistinguível, entre choro e gargalhar.) Menciono-lhe:*

— O senhor se ri do que lhe acontece. — *(Ele prossegue, chorando forte, talvez ainda confundindo choro e rir-se alvarmente, agora, porém, para mim, de menor intensidade. Por alguns segundos, fica em silêncio, quando aí menciona):*

— Estou com a cabeça doendo. Doendo muito! — (*Passa a mão espalmada pela testa, mergulha no topete os dedos para dentro de um tufo nos seus cabelos negros, muito crespos, distendendo-os para o alto como se para arrancá-los, chorando já menos. Pondo, a seguir, a outra mão no pescoço, diz*):

— Estou com o corpo formigando ... — (*e de modo entrecortado e voz baixa, mais grave — sua voz é fina e anasalada — repete*):

— Estou com o corpo todo formigando ... dormente! ... — (*Estala forte o tornozelo esquerdo, por meio de movimentos bruscos de flexão do pé, distende o corpo como se estivesse espasticamente se esforçando por fazer caber dentro de si mais do que estava conseguindo, arqueando-se no divã, como na direção de um opistótono oscilante de um lado e outro. Em continuação, estala suas outras articulações — várias delas, do tornozelo esquerdo ainda, dos dedos das mãos, dos punhos — de um modo que não estou habituado a ver nem a ouvir, e acrescenta*):

— Minhas mãos estão formigando! ... (*Sua voz é francamente choramingas. Mais ou menos no mesmo tom de voz, aduz*):

— Eu sabia que ia sofrer na Psicanálise ... mas ... está demais!... Eu não sabia que ia ser assim! ... Meus amigos me diziam que era duro! ... — (*Seus rr são sempre pronunciados com alguma dificuldade a modo de como se tivesse a língua presa*) — Mas, não tanto!... — (*Ou lastimando-se, com arrependimento e quase sufocação*) — Sou um monstro! ... Sou um monstro por sentir isso!... (*Cerra os punhos, abre as mãos, distendendo fortemente a seguir os dedos, e dobrando as mãos num espasmo estranho, em que as palmas ficam dobradas ao meio no sentido longitudinal, em espécie de goteira palmar, possivelmente pouco frequente para minha experiência de ver.*

O horário da sessão está terminando. Mas, só pelo meu relógio. Na sua condição, o paciente me parece imerso num quadro manifesto de fenômenos inusitados, em plena vitalidade e expressão. Em nada se assemelha à lise habitual de fim de hora psicanalítica, dentro do ritmo habitual de começo, estado e terminação, com apagamento de manifestações emocionais.

O paciente fala, com voz sumida, porém audível para mim.)

— Não sei como vou sair daqui!... Não atino como posso ir para casa neste estado!... Como vou dirigir ...?! Não estou em condições. É uma loucura, pensar em enfrentar o tráfego desta cidade, com esta zonzura na cabeça!... A cabeça não pensa. Está pesada, fincando!...

— *(Tenho a sensação de que o paciente percebe que o horário terminou e nossa hora vai avançando no relógio que não para. Ele, ao que parece, dá-se conta disso, porque, embora não faça movimentos de levantar-se nem indique a possibilidade próxima de sair, menciona a insensatez de entrar no fluxo alienante do tráfego.)*

— O senhor está temendo dirigir-se na vida — *(e ele, como suspeitando que eu tentava pô-lo fora do consultório):*

— Não posso sair daqui assim!... É uma loucura!...

— *(Começo a ter, no momento, a sensação persistente e repetida de que o paciente, em seu desespero, surpresa e revolta, não está podendo aceitar-se no que chama de sua monstruosidade. Persiste, em mim, com insistência, o sentimento de que ele se volta para o caminho de recorrer a uma punição, talvez indesejável, mas necessária, para seu crime, não sei se insuspeitado. Penso que devo referir isto a ele, mesmo pelo receio de que a idéia passe a tomar conta de sua mente e o leve nessa direção.*

A sensação desse medo me parece presente na atmosfera do consultório. Ao ver o paciente diante de mim, estendido no divã, ele me parece alheado, como que em desligamento da realidade, talvez numa espécie de solilóquio ou psitacismo.)

— O senhor se refere à sua necessidade de se suicidar ... Parece que o senhor tem medo de ser obrigado a se matar; como uma punição, pelo que o senhor acha que é o senhor ser um monstro ...

— *E sou!... — (O paciente, durante esse curto lapso de tempo, demasiado longo e demorado de passar, não modifica, em quase nada, a expressão dramática de suas inúmeras e variadas manifestações ruidosas: as articulações estalam impressionantemente sem parar: esta*

la as mãos (os punhos), o pé: as inspirações e expirações longas, profundas, assustadoras se juntam à repetição também do gesto de puxar a parte do tufo de cabelos no topete, sobre a testa, e à voz entrecortada pelas respirações, mas de tom surdo e lamuriento).

— Estou com o corpo todo dormente ... Olhe como estou transpirando! — (Enxuga com as pontas dos dedos o suor que lhe mareja a fronte agora vincada, cheia de rugas, em constante movimento para cima e para baixo, esfregando a seguir, em gesto rápido, as pontas molhadas dos dedos nas respectivas eminências tênares de cada mão, ou então no lado da perna da calça; ou puxa de novo o topete, querendo arrancá-lo, respirando ruidosamente):

— Estou com as vistas turvas!... Estou tonto!... Nunca senti isso!... Nem sei o que é que está me acontecendo!...

— O senhor diz que talvez não lhe reste outro caminho senão suicidar-se. Como escapar?!... Não sabe se vai conseguir!...

— (Apesar do estado extremamente ruidoso e turbulento do analisando, também pelo adiantado da hora que já avançava, pelo meu relógio, em cerca de doze minutos o término, levanto-me em silêncio, embora preocupado, e fico em pé, atrás dele, junto de minha poltrona. O paciente percebe. Volta, para trás, na minha direção, a cabeça grande, que me mostra mais visível e violentamente o torturado de sua expressão, na fisionomia jovem, vincada a testa úmida e perlada de inúmeras gotículas de suor, o cenho fortemente cerrado sobre os olhos miúdos, muito pretos e aterrorizados, a boca rasgada em contratura possivelmente de pânico e raiva, e vejo que, com dificuldade e protestos, ele se vai esforçando por levantar-se. Parece uma face do tumulto, da culpa e do desalento. Ele se esforça mais por erguer-se, levanta-se a custo, cambaleante, afinal, e trôpego encaminha, curvado, seus poucos passos, para o meio da saleta, até à pequena poltrona do outro lado da parede do divã e abandonado se senta, com protestos de:)

— Não posso!... Não é possível que eu saia daqui... agora... assim... Eu não tenho condições... — (Sempre com os braços estendidos ao longo do corpo contraturado, esticados e longos como de um símio, e as mãos ainda em goteira longitudinal, espásticas, reafir

mando ele:)

— Estou todo dormente... — *(E se levanta desamparado, forçando -se para cima à medida que se levanta da pequena poltrona, talvez com a respiração menos barulhenta, flectindo os braços e elevando as mãos, olha-as como tentando vê-las: aperta-as, sempre resmungando algo baixo que, no entanto, ouço:)*

— Estou todo dormente; não sei se vou conseguir chegar em casa nesse estado!... Estou louco!... No mínimo!... — *Encaminha-se para a porta, abrindo-a com esforço. Puxa-a sobre si, e atravessa para o pequeno vestíbulo imediato, fechando-a penosamente. Depois de alguns segundos, ouço o ruído de uma porta bater, que reconheço como o da que dá saída para o corredor no andar.)*

DISCUSSÃO

(O aprender não existe para quem não insiste em pensar o que não sabe.)

Há fatos que, ao ocorrerem, nos deixam surpresos, excogitando de como puderam acontecer de modo tão estranho e inesperado, exatamente no momento em que pareciam menos oportunos ou pertinentes.

Seria de admitir que isto, em consultório de psicanalista, chegue regularmente a suceder. Não pelo inesperado que o analisando produz e comunica (fato habitual) mas, pela constante disposição do psicanalista de não esperar —se nem sabe o que esperar! — vivido constantemente nesse trabalho diuturno.

Dizer, por outro lado, que o psicanalista não prevê, nem antecipa, talvez não seja propriamente o que se passa. O singular do acontecimento é que a manifestação começa e se avoluma; passa a adquirir força à medida que o analisando fala, e toma conta da sessão. Mostra-se francamente em marcha, esgueira-se pelos desvãos das associações chamadas livres, e chega ao entreluzir consciente, por frestas de falhas de repressão.

A idéia de que, no psicanalista, manifestações inadvertidas ou súbitas, inesperadas mesmo, num céu claro de outras comunicações, denunciam o emergir de constelações captadas no eixo expressivo do analisando, fala em favor do não-esperado, porém percebido — que caminham ambos em processo de afloramento.

Esse paciente, por mim chamado de Moacir, ao me deixar entrever, na sessão que discuto, sua inclinação de tonalidade nitidamente sexual possessiva em direção à figura da genitora, a que, diga-se de passagem, não conhecia de modo consciente, senão de pouco, logo me desperta, na guarda do processo psicanalítico, pelo modo seu, forte suspeita, de que isto não lhe estava muito distante da percepção consignada.

Aquela — a suspeita — pode parecer teórica. Na verdade, entanto, me sobreveio imediata. Esteve, assim, desde o início, em que Moacir começa sua fala, sempre, dentro de mim, vinculada a determinado trecho claro de leitura, realizado no passado, mas presente de reminiscência.

Em função de tal lembrança, enquanto ouvia Moacir, mais cheio de muxoxos tristes e reticências que de palavras designadoras, crescia-me a desconfiança, muito firme, de estar decididamente se encaminhando para ser uma estruturação de interesse sexual pela mãe, aquilo que, por certo, constituía face de algo profundo e mais resguardado em nível psíquico, embora não tivesse como surgir senão sob expressão de tão dramático disfarce.

Não chego a afirmar que, daí em diante, houvesse em mim alguma intenção. Acho que me sentia em disposição de apenas acompanhá-lo. Nem por isso, entanto, me proibia o seguir o rumo que se me afigurava emergente.

Um psicanalista desprevenido é sem dúvida um homem referto de teorias. Principalmente psicanalíticas. Tantas e tantas, manipula ele Édipo, sexo e ódio, o mundo e eu, tantos e tantos anos vive ele no divã de análise, e dele — e fora dele que, fácil, não escapa nem lhe foge ao poder ou influência contagiante.

O quanto a Psicanálise é parte da vida do psicanalista, tira-lhe, com certeza, o sentido forte de intencionalidade no trabalho. Quem vive e revive na intuição, na surpresa da entrega ou na flui

dez do improviso psicanalítico, não premedita. Se interrogado, não sabe de imediato por que aceita ou por que interpreta. O que capta não lhe pertence. *Suum cuique tribuere* ... Apenas entrega ao dono o que dele recebe.

Interpretação, por conseguinte, vem de dentro. Do fundo do ser do psicanalista. De lá, para onde a comunicação acaba de se encaminhar. Não condiz dizer-se que é deturpada; nem plagiada. Não é réplica. É produzida no original. Além disso, é a própria, aquela suscitada pelo que o analisando fornece. É a teoria psicanalítica feita articulação devolutiva. Se ele, analisando, diz que sente assim, e sente isso, não seria o psicanalista a dizer diferente. Ou não seria psicanalista. Contestador, talvez; inventor; ou que tal. O sentimento do analisando é dele e a ele retorna. Não fica com o psicanalista.

No caminho de volta, o psicanalista reconhece a fisionomia da Psicanálise, inventada por Sigmund Freud e seguidores que a vêm desenvolvendo. Alguém que não estava lá, só sabe por estar ouvindo contar. Em qualquer tempo ou lugar. Ainda quando se lembra de alegar (ou não) sua grande e longa experiência de, igualmente — em outra circunstância — também lá já ter estado, conquanto em outra unidade; é diferente o contexto. Quem conhece, conhece o seu — aqui ou acolá.

É, pois, assim, perfeitamente admissível, o relato do encontro. É nova edição, personalizada pelo relator. Aqui, como em Direito, o pronunciamento deste é autorizado e básico. Serve para avaliação do fato psíquico.

A subjetividade do relato é universalmente aceita em Psicanálise que proscreve em definido gravação outra que não a subjetiva.

É que ela se funda no par. Naquele que cria, por estar conjugado em fecundação. Quem não se importa de se estar arriscando a introduzir algo na ação da dupla acoplada, e interfere — contamina. Envenena. Se assim não mata, quando nada, interrompe o processo gerador. Perturba-o.

Quando a interferência é de um pouco apenas, somente desvia o método para a estagnação ou para a certeza, momentânea que seja, de que o método psicanalítico não atua; não apresenta resultados terapêuticos.

Na linha de que, compreensão não inclui ensinamento e nem doutrina o outro; apenas alarga o entender-se a si mesmo, mas não instrui; aprofunda mas não põe. Visa ao extrair e não inocula. Não há como supervir que não seja o do que já viu o que acontece no par de agora.

Se a dupla é outra — é nova. O que a esta não se referir é espúrio: interferente; estranho. Se houver — resta uma esperança! — caso chegue lá, estará modificado e transformado; personalizado.

A idéia de tentar esclarecer algo, parece-me, em certa medida, correr o grande risco de insinuar pouco entendimento para o outro. Quem acompanha a exposição de caso clínico dificilmente perde indicações entrevistadas em cada pormenor de informação ou enunciado. Para as conclusões a irem sendo aduzidas, basta o ponto de referência irradiador da informação. Embora não figurem, na exposição, pormenores da história, a reconstrução está feita de imediato. Como, aliás, de usual, acontece no consultório de Psicanálise, ao ouvir o analisando. Como ele próprio é o guia — e o único, e certo — segui-lo não custa. Tudo nele é informação; e significa; compondo o contexto presente.

Assim, não são poucas as vezes em que me tomo de hesitação quanto a ensinar ao outro como pensar a respeito do que também eu recebi como comunicação feita ao natural. Entrego o que recebi. Minha opinião, ou meu ponto de vista, vem logo expresso na interpretação que digo que dei. Ainda que eu a tenha, em algum modo, transformado, ela não pode deixar de traduzir o que para mim, no meu relacionamento pessoal com aquele analisando, teria ocorrido. Essa relação foi minha com aquele.

A que estabeleço agora, de reconto, parece-me outra. É com quem troco a informação. De novo, pois, temos assim, ou somos assim, novo par. O que entre nós se passa é que traduz a relação daqui — nesse novo encontro — ainda que o tema se centre sobre um

encontro que já se deu e de que somente resta a mim, como relator. O que importa, pois, agora, é esse novo encontro. Como eu trato quem me recebe para o relacionamento de agora, e como estou sendo tratado, nessa relação, por quem está comigo.

O que trago, e do que trago, eu entrego. Quem recebe, diz como entende o que apresento.

A idéia que faço da nova dupla que se forma, no encontro que se dá, para falar sobre o que foi a dupla que não é, por estar sendo refeita com apenas um dos componentes da anterior, é nova. Não é aquela, repito. Pelo menos, não cogita de substituir um — o que não está presente pelo que está — pois esse não de agora participou. Como recém-chegado, faz a experiência agora. E com o que está. Comigo. Não com o outro que ficou no passado, e a quem não conhece.

Se mostro o retrato, que está sendo delineado por mim, este relacionamento novo é com o retratista. O que se fala ou comenta — tudo que é referido — refere-se ao retratista com quem comentamos. O retratado não é parte viva participante do quadro. Apresento-o; é criação minha. (Pode até nem existir, de vez que eu digo que eu me relacionei com ele. Ou procuro demonstrar que sim. Ainda que seja eu próprio o retratado. E talvez seja — não há tergiversar, porque, não raro, a ele me refiro, recorrendo à primeira pessoa do singular — o que por causar espécie a quem ouve, comprova). A mínima alusão ao retratado, pois, é muito mais alusão a mim, retratista ...

Daí, conseqüências inevitáveis. E não infreqüentes.

No misto da apresentação, ouvindo relato em que a primeira parece pela terceira pessoa — a do retratado — parece funcionar à guisa de insistente convite ao interlocutor para abandonar o trabalho de crítica ao trabalho, assestando-o sobre o falador que, na tarefa, recai sob o lume de quem busca participar, comentando a técnica psicanalítica.

Quem o faz oferece. Estará — pergunto — igualmente incidindo no que incido? Ao apresentar-me, apresenta-se? Retratando, retrata-se?

Quando o empenho é notório, e grande, o resultado equivale.

Nosso relacionamento — meu com quem me ouve — passa a ser aquilo que me vale. Coloca-me em foco, para que — à luz de quem se mostra — eu aumente o entendimento que apresento (ou não apresento) sobre o que de quem cuido.

Se, por conseguinte, trago algo a respeito, isso que trago é o que tenho a trazer. Não importa se mais não trouxe, ou deixei de trazer mais. Indagar de mim, solicitar entrega de mais, apenas estabelece outro modo de relacionamento comigo. Aponta a direção que, para quem indaga, começa a imprimir a meu relacionar-me com o anterior, não presente. Quem me pergunta pode preferir não pensar antes de inquirir. Usa de direito lícito. Meu relato, entanto, é o que posso oferecer. Constitui meu depoimento completo. O que dentro de mim porventura fica, não era para ser trazido: preferência ou escolha que pude fazer com meu cismar, recursos é características.

Se, acaso, concordâncias não há, a pergunta, o desacordo expressa com minha eleição. Ainda quando sob julgamento está, de maiores que eu, meu modo de oferecer, o inquérito traduz maneira de pôr e de ser, como quem pergunta escolhe ser e tratar-me. Refere modo pessoal de relacionar-se com o exposto e comigo. Se aceita que eu imprima determinada direção, meu enunciado fica sendo meu. Para quem atenta, me revela muito. Por inteiro.

Talvez precise referir que, de mim, se revelo pendor por acompanhar, na posição reversa àquela que busco esboçar, mais que dirigir, indagando ao máximo de mim, busco o apreço dos meus. De analisandos, de apresentadores ou patronos de teses. Acredito, se defendo posição de encaminhar meus dados, que louvo, no outro, que conduza e descreva os seus, a modo seu.

O que se inicia, igualmente, requer exercício de escolha, ou hábito no pensar, para concluir. E, se cedo se começa, para maior rendimento e proveito, não há como fugir a continuar não ensinando ao que aprender só deseja, e disso expressa vontade manifesta. O aprender não existe para quem não insiste em pensar o que não sabe. O que ensina malsina. Possivelmente ofende. Menospreza a in

teligência de outrem. Em local para aprender, mestre se houver, por força, estará dentro. Dentro do pensamento. Dentro do esforço por ver, descobrir e pensar.

Enquanto não me respondem — estimulam-me.

O que está posto, oferecido, é estímulo, creio que do melhor. Que me sirva para pensar! Dizer que não está bom, que não está bem feito, é avaliação, é apreciação. Vale. Deixa-me em dúvida. Se for pior que explicação ou esclarecimento, move entanto ao pensar demorado, na busca do descobrir.

A mim próprio me cabe descobrir por que não está bom. Para me ser dito isso — já não tenho como pensar de outro modo — alguém teve que pensar, antes. E talvez bastante. E demoradamente.

A leitura, porém, a que me referia lá atrás, encontra seu texto à pág. 132 de *Neurotic Counterfeit Sex*, de Bergler (1951):

"I explained the curious fact that Henry Beyle, in his memoirs The Life of Henri Brulard, could freely admit the positive Oedipus complex, because it protected him from the threatening negative Oedipus complex which lay behind it. In other words, Stendhal's unconscious ego sacrificed the repression of the positive Oedipus complex for the sake of maintaining the passive-feminine attitude in the unconscious."

Investigando o tópico, deparo, como dificilmente deixa de ocorrer em Psicanálise, quando se busca algo, a referência a Freud (1925). (Já em 1914, na *História do Movimento Psicanalítico*, ele falava a respeito; mais que isso até, antes em 1900, em *A Interpretação de Sonhos*, menciona, por várias páginas, talvez pela vez primeira, o complexo do Édipo em extenso).

O texto, entanto, que mais próximo está do tema que busco justificar, aparece à pág. 220, de *The Resistances to Psycho-Analysis*, em que, após considerações bastante necessárias e pertinentes para aquela época recuada, de mais de meio século atrás (1925), falando a propósito do papel da Psicanálise na desmistificação da idéia de uma infância assexuada, e no demonstrar o fato de que os

interesses e atividades sexuais ocorrem em crianças pequenas, desde o início da vida, acrescenta:

"... It (the psycho-analysis) recognizes that early infantile sexual life reaches its peak in what is known as the Oedipus complex (an emotional attachment of the child to the parent of the opposite sex accompanied by an attitude of rivalry to the parent of the same sex) and that at that period of life this impulsion extends uninhibited into a straightforward sexual desire. This can be confirmed so easily that only the greatest efforts could make it possible to overlook it. Every individual has in fact gone through this phase but has afterwards energetically repressed its purport and succeeded in forgetting it. A horror of incest and an enormous sense of guilt are left over from this prehistoric epoch of the individual's existence."

Retornando à investigação do tópico, deparo o texto que eu havia lido primeiro, aquele mais extenso e completo, que muito me havia atraído a atenção na época, pela dramaticidade do exposto. É de Bergler (1948, p.22):

"... Stendhal, the famous French writer, discovered, two generations before Freud, his individual oedipus complex. This was strange, since normally, this complex is repressed. And still, in *La vie d'Henri Brulard* (written in 1835) we read:

"My mother, Henriette Gagnon, was a charming woman, and I was in love with her. I hasten to add that I lost her when I was seven years old. When I loved her, around perhaps 1789, I had the same character as in 1828, at the time I was madly in love with Alberte de Rubempré (a sweetheart of Stendhal's) ... I wanted to cover my mother with kisses, and there shouldn't be any dresses there. She loved me passionately, and kissed me often. I returned her caresses with such fire, that she often found necessary to leave me. I despised my father when his arrival interrupted our kisses. I always wanted to kiss her on the breast... For my part, I was as criminal as I possibly could be, I was madly in love with her charms."

Bergler (1948, p.23) prossegue:

"... It is understandable that this self-confessed intentional incest of the six-year-old caused some controversy among the Stendhal biographers. Most of them drew themselves out of the noose by declaring that they were products of his imagination ... Others biographers, on the other hand, believed Stendhal ... Weigand remarks, for instance, "This confession can be recommended to the adherents of Freudian theory as a perfect example." And Zweig summarizes, "In hardly any other place will psychoanalysis find a better oedipus complex presented in literary form, than in the first pages of Stendhal's autobiography, in Henri Brulard." When one hears that Stendhal always spoke in a disparaging way of his father — bastard was a mild epithet — that he admits that he was in favor of the French revolution because his father preferred the aristocrats and the followers of the Bourbons, that during the terror he desired his father's arrest, all sorts of discomfort, and even his death ... the intensity of his positive oedipus complex can certainly not be questioned."

Ainda Bergler (1948, p.24) comenta:

"... Perhaps this description of Stendhal's incest can make an analytic career for itself and achieve the same number of analytic citations as Diderot's statement in his Nephew of Rameau:

Aqui, escolho tomar da Standard Editions, 21:251, a tradução que Strachey, em 1961, faz para o inglês, assim:

"... If the little savage were left to himself, preserving all his feebleness and adding to the small sense of a child in the cradle the violent passions of a man of thirty, he would strangle his father and lie with his mother."

O trecho merece citação de Freud, por três vezes, em sua obra (em 1916-17, 1931 e 1938). Para exarar seu parecer, no caso Halsmann (1931), expõe, ao lado da citação original — a única a

que sempre recorre nos dois outros locais — também à tradução de Goethe:

"... Wäre der kleine Wilde sich selbst überlassen und bewahrte seine ganze Schwäche (imbecilité), vereinigte mit der geringen Vernunft des Kindes in der Wiege die Gewalt der Leidenschaften des Mannes von dreissig Jahren, er brüch' er seinem Vater den Hals und entehrte die Mutter." (Gesammelte Werke, 14:541, 1948)

Por fim, nessa iterativa apresentação do tópicó, útil talvez para se reter a idéia, o original do famoso enciclopédista que expressa a diferença entre o mundo primitivo e o civilizado, no seu *Le Neveu de Rameau*, escrito mais de cem anos antes da descoberta do complexo de Édipo e, por conseguinte, da Psicanálise:

"... Si le petit sauvage était abandonné à lui-même, qu'il conservât toute son imbecilité et qu'il réunit au peu de raison de l'enfant au berceau la violence des passions de l'homme de trente ans, il tordrait le col à son père et coucherait avec sa mère."

Prosseguindo com a citação de Bergler (1948), indaga ainda à pág. 24:

"... How did it happen that Stendhal did not repress his oedipus complex, but instead retained his awareness of it? ... In other words: Under what conditions will a person become aware of his ow oedipus complex, and remain conscious of it? (Exempted here are those lightning flashes of insight, with as rapid repression). ... It is just for this reason that Stendhal's confession is so important, which was formulated in such exact Freudian terms two generations previous to Freud's."

Em livro ulterior, já citado antes, Bergler (1951,p.89), diz:

"... In the introduction to the study of Stendhal in my book of Essays (1935), I pointed out that, in certain circumstances, some individuals can retain the oedipus complex in

consciousness. This is known in four particular conditions : schizophrenic psychosis; psychological genius (?); some psychopathic personalities; and those cases in which the individual observes the complex in others and, owing to excessive psychic masochism, fails to react with normal repression in relation to himself but refers that which he has perceived to himself for purpose of self-punishment."

De novo Bergler (1948, p.25), numa derradeira citação:

"... Evidently, a fifth possibility exists, which could explain a person's own discovery of the oedipus complex, namely, if for instance the negative oedipal conflict, that is, the unconscious feminine identification, had been of great intensity, the unconscious ego in this dangerous situation might attempt to effect a compromise by releasing the least unpleasant memory, in order to retain the more unpleasant, which, if conscious, would be still more embarrassing. Hence, the feminine tendency in Stendhal must have been one of his strongest drives, if his ego exerted every effort to retain it, even at the price of permitting awareness of other repressed material."

Para conseguir auxílio comprovador bibliográfico, ulterior à experiência de consultório com Moacir, ao fazer o inevitável levantamento na catalogação dos quase cem mil títulos de trabalhos psicanalíticos arrolados no *Index* de Grinstein (1975), só pude, não obstante o esforço, encontrar — além do aludido trabalho de Bergler (1935) — referência a um de Keiser (1953), sobre uma adolescente de 15 anos. Refiro-me, evidentemente, a casos considerados de neuroses; de vez que a condição que menciono não é insólita na falta de repressão das psicoses.

Kaiser (1953, p.106) descreve que:

"An adolescent girl with ordinary neurotic inhibitions quickly develop an intensely sexualized transference. Frank incestuous feelings for her father were reported during the first few months of analysis."

E acrescenta:

"The feeble repression of incestuous strivings that would usually be regarded as frightening was not symptomatic of a psychotic process. It was possible to recognize the sources leading to the failure of the superego's regressive function. The defective organization of the superego had its genesis in the special conditions surrounding the two parents. The father disappeared during the phallic period",

acrescento, agora, o final retirado, por mim, dos *Abstracts and Index to Volumes (1-25)* — *"but promised to visit the patient frequently."* Como não cumpriu ... *"This pattern kept alive the original sexualized relationship which could neither be fulfilled nor resolved because of the physical separation. The mother actually encouraged the girl to remain fixated on the oedipal level while simultaneously by seducing the girl and flaunting her own sexual superiority (1975, p.1978).*

De qualquer modo, porém, importante aqui é que, na história de Moacir, sem ter ainda, na época, usado a oportunidade fácil (pen-sava eu!) para o psicanalista, de levantar os textos antes mencionados, apenas uns poucos dias depois, sem que eu propriamente esperasse (embora dentro de mim não permaneça dúvida quanto à minha suspeita que haveria de vir), produz Moacir, no consultório, sessão que tentarei comunicar, pelo que talvez não de insólito, mas, digamos, de inesperado ou diferente no que toca à história que Moacir, até o momento, me revelava.

O paciente fala em tom de voz natural:

— Ontem, quando saí daqui, não precisava passar por determinada rua, para voltar para casa; mas passei. Não sei por que passei. Quando dei por mim, estava dirigindo entre as casas dos dois lados, à noite, quase sem ninguém na rua. É uma área na qual nunca passo; e fui por lá assim mesmo. De longe vi um vulto que se aproximava. Era de uma mulher. Pela maneira de vestir, percebi que era uma prostituta. Quando cheguei perto, parei o carro e disse: — Boa noite! Ela respondeu. Aí, percebi, pelo modo, que talvez fosse um travesti.

Perguntei se era. Ele me respondeu que sim. Agradei, e continuei meu caminho. Adiante, resolvi retornar, ou melhor, contornar a rua. Volto. Encontro de novo o travesti. Converso com ele, e combino ficar. Não pensava nisso. Mas tive relações sexuais com ele. — (*Após curta pausa, o analisando diz mais baixo*) — Depois, eu o masturbei. — (*Com voz tremida, possivelmente embargada*) — Não gosto disso! Não sei por que fiz isso!

— Mas, eu gosto de pênis!...

— (*O analisando, sem hesitação, ou melhor, com convicção*).

— Gosto mesmo! Mas não gosto de falar nisso; nem de fazer isso. Acho que nunca fiz.

— O que gosto de fazer, ninguém me impede de fazê-lo.

— É verdade. — (*O paciente parece agora encorajado*) — Envergonha-me dizer isso! ... mas, o fato é que eu gosto. — (*Quase sem hesitação*) — Tinha medo que o senhor me desse uma bronca! — (*Tal vez surpreso, e parecendo como que aliviado*) — Já podia ter falado há mais tempo! Fico constrangido, sem coragem. Acho que sempre quis fazer isso — (*Com muxoxos*) — De outra vez, estive lá. Mas não fiz ... — (*Pausa curta, com muxoxos seguidos*) — Não é a primeira vez que faço — (*Parecendo preocupado, e amudando os muxoxos, com muita frequência deles*) — Quando criança, fiz ... E dava a bunda — (*Fala rapidamente, talvez surpreso pelo som da palavra que parecia ressoar*) — Tenho que dizer — (*Parece, de novo, satisfeito, contente por se livrar de algo que possivelmente acha que está entregando a mim, e saindo dele*) — Eu sabia que mais dia menos dia tinha que falar. E estou alegre, até achando bom ter falado. Porque isso me incomoda; me humilha muito.

— O senhor dá a entender que tem agora minha aprovação e autorização suficiente para continuar seus relacionamentos com homens.

— Tenho mesmo. Tenho muitas fantasias que me incomodam. Já tive relações sexuais. Com meu irmão. E, brincávamos muito. Brincávamos e brigávamos. Mais brigávamos. — (*Quase sem transição*) — Com minha irmã também. Quando pequeno, sempre tinha relações sexuais com

ela. Até hoje — *(Agora falando bastante baixo, num tom de voz rouco)* — Ela tem namorado; e sempre falava comigo para eu ir fazer isso com minha namorada. Que eu arranjasse uma. Que eu precisava ter a minha namorada!

— O senhor diz que a única pessoa com quem o senhor quer casar-se é com seu irmão ou sua irmã.

— Não. Não disse isso. Com nenhum dos dois — *(Parecendo, a seguir, agora perfeitamente à vontade, prossegue no tom de voz habitual)* — Acho que estou namorando uma menina. Ela é bonita. Mas, não me parece muito nova. O que me atraiu a atenção nela — eu a encontrei na praia — foi a facilidade com que me acolheu. Parecia que já éramos conhecidos. Fez psicanálise cinco anos. Agora deixou. — *(Sua voz parece hesitar, revelando certa desconfiança)* — Está combinando fazer uma tal de "Gestalt". Não sei bem o que é. Mas ela disse que é muito bom — *(Fala mais baixo, desconfiado, não sei se de mim ou do projeto da moça)* — Dura só três meses — *(Um pouco mais animado e talvez confiante)* — É uma espécie de curso intensivo. São cinco horas por dia, sem parar — *(Desanimado de novo)* — Não posso ... Também por causa do preço. É muito caro! Mas se soubesse que dava bom resultado ... Não sei se tento. Ela me garante que é muito bom. Estou inclinado — *(Como sem mudar de tom de voz e talvez deixando entrever uma ponta de surpresa no relato)* — No primeiro dia, fomos ter relações sexuais. — *(Comenta, entre convicto e surpreso)* — É uma menina bastante liberada ... Eu gostaria de ser assim também. Não sei se faço o tratamento que ela faz. Já fez psicanálise ... Não sei como pode acontecer isso! — *(A admiração que revela não me parece levá-lo a inclinar-se, no momento, por acompanhar a nova namorada na tentativa de tratamento psicológico que faz, ou vai fazer, talvez por não ter conseguido formar uma idéia de como poderá atuar um processo que cobra adiantado três meses e dá garantia de cura, segundo acentua, com certa descrença)* — Não sei como é possível garantir cura em três meses! E, para quem já se analisou durante cinco anos!... Fico em dúvida. E ... com um pouco de medo!

— O senhor está procurando comunicar a mim o seu desejo de fazer outro tipo de tratamento, melhor que este. Mais rápido.

— Até que não. Não penso nisso. Sei que é assim mesmo. O que estou pensando é na facilidade com que ela — a menina — aceitou ter relações sexuais sem me conhecer! — *(Satisfeito, ou talvez satisfeito, e com uma espécie de auto-admiração infantil pouco convicta)* — É uma menina completamente liberada. Sem problemas.

— O senhor descreve uma menina que, pelo que o senhor diz, lhe parece doida.

— Não acho — *(Após ligeiríssima pausa)* — Quer dizer, acho que não pensei nisso antes — *(Talvez com espanto e alguma preocupação na voz, e rindo-se sem graça)* — talvez namorando, uma menina, que é doida — *(Rindo-se, possivelmente já menos ansioso)* — Que eu descrevo como doida. Eu que descrevo!...

— O senhor quer dizer que eu é que descrevo.

— Eu não sabia que era!... É engraçado. Porque eu não tinha percebido antes — *(Como se estivesse realmente convicto da descoberta)* — É! Ela é doida mesmo. — *(Como em solilóquio)* — Eu descrevendo uma pessoa doida!... *(Ainda surpreso)* — Nesse meu encontro com ela, achei que ela era muito bacana; completamente descontraída. Inteligente. Liberada! Sem preocupação! — *(Com uma ponta de tristeza possível e autopiedade na voz)* — Estava até entusiasmado de firmar namoro!...

Nas várias manifestações que Moacir apresenta nas sessões, sobrepõe o caráter de imprevisibilidade em suas comunicações. Não creio revele uma linha constante de comportamento, num horário inteiro. Refiro-me a que as interpretações parecem ter um efeito modificador intenso sobre ele. E rapidamente, às vezes na própria sessão. Começa falando num tema, está convicto de sua atitude e opinião, prossegue enumerando os proveitos desse seu modo de encarar os fatos que refere, e assim que ouve algo a respeito do que participa, responde mudando de maneira de pensar e de concepção.

Um exemplo talvez venha a dar uma idéia do que busco mencionar. Na sessão imediatamente seguinte a esta que procurei delinear, ou duas após, traz a viagem da prima. Ela se ausenta, deixando, porém, com Moacir a chave do apartamento dela, enquanto veraneia por uma quinzena.

Moacir, ao referir o fato, na sessão, mostra-se enlevado com o apartamento e com a prima. Delicia-se ante a hipótese entrevista de não mais precisar de um motel para encontrar a namorada descontraída e estar com ela, numa boa (conforme acentua e repete), sem os ônus naturais decorrentes do uso daqueles locais de encontro.

— *(Sua voz indica um grande entusiasmo e fala sorrindo, cheio de satisfação e engrandecimento próprio)* — Minha prima foi muito bacana! Antes de partir, resolveu deixar comigo a chave do apartamento dela! É um barato!... Tenho possibilidade para ir à praia, morando no Leblon, sozinho em casa. Posso levar quem eu quiser, sem despesa nenhuma! — *(Respirando fundo, talvez tentando aproveitar mais a alegria de viver e a importância de sua condição atual)* — Minha prima confia muito em mim. Ela gosta de mim — *(E, possivelmente, sentindo-se muito generoso também)* — Eu também. Gosto muito dela — *(Talvez por se lembrar de algo que não menciona, previne-se)* — Mas, como prima apenas! Não pensava que ela ia confiar tanto em mim! Deixar tudo pronto para mim! É muita sopa!... — *(Rindo-se muito, de contente, embora me parecesse óbvio que não podia acreditar que tudo fosse mesmo assim como dizia).*

— O senhor traz mais a sua desconfiança a respeito da guarda do apartamento; e, procurando negar, ou não ver, embora pela sua desconfiança se dê conta de seu medo de que esteja recaindo sobre o senhor mais do que a princípio pode parecer que recai. Seja do que for: não sei se de algum roubo, ou de assalto. Mesmo que o senhor não esteja no apartamento, para sofrer na hora as conseqüências imediatas do fato. Claro que o senhor prefere estar em sua casa e deixar que os amigos do alheio tenham tempo suficiente para levar o que puderem; ou levar tudo, e depois, o senhor tendo que reembolsar a prima, ao regressar, pelos prejuízos que o senhor está se oferecendo para ter para o senhor; e que, evidentemente, o senhor acha que não devem ser dela! É verdade que o senhor talvez esteja se mostrando satisfeito por ver que, apesar do roubo, por exemplo, não há dificuldade alguma recaindo agora sobre a prima de vez que o senhor se ofereceu para ficar cuidando do apartamento na ausência dela.

— *(O analisando parece inquieto e aflito. Já bem antes que eu ter*

mine essa não impossível profecia de cassandra — por certo não muito aceitável sem aborrecimento para o descontraimento discreto e aproveitador de Moacir — ele se volta agora para a nenhuma vantagem de estar, ainda, apenas antegozando os privilégios de usar a residência cheia de perigos da prima, em suas aventuras sexuais (creio que mais fantasiadas que concretas) e inegavelmente se entristece com a antevisão de não sabe que classe de despesas, ou prováveis ressarcimentos indispensáveis para além do custo habitual de peregrina estada em motel. Moacir não me havia dito que pediria à prima o apartamento. Eu é que deduzi isto, pelas características de relato e pelo tipo de personalidade de Moacir, nesse particular. Quase imediatamente após o que eu acaba de dizer, Moacir retruca, em voz desconsolada, embora procurando mostrar-se seguro) — Sêrio que não pensei assim. Acho estranho que não tenha me lembrado disso. Agora, fico até sem saber se penso mal de minha prima que, nesse caso, não terá prejuízo, porque tudo vai recair sobre mim, caso venha a acontecer!...

— O senhor tenta colocar a situação em termos apenas de exagero meu, e de que o senhor tem dúvidas a respeito, exatamente para se proteger, inclusive da responsabilidade proposta à prima; e que, agora, o assaltam.

— Não. Não é isso. Eu sei que sou o responsável. Mas, reconheço que não me interessa isso!... — (Com voz mais baixa, reflexivo e como se dando conta de algo importante) — Acredito muito nos outros. E não propriamente em mim.

— Pelo contrário. Pelo menos, não parece. O senhor mostra que não se está importando com os outros. Não se importa de colocá-los a seu serviço e a seu dispor. Por isso está agora surpreso, ou parecendo que está, com as conseqüências de estar tentando se aproveitar da propriedade da prima, sem querer arcar com os ônus decorrentes do uso.

— Não estou achando nada bom. Nenhuma vantagem. Vou entregar a chave a ela, imediatamente que chegar — (Decidido, à guisa de conclusão) — Não sei por que tenho que permanecer em tal posição! Com tamanhos riscos para mim.

O episódio me parece ilustrativo. Acredito não ser a primeira vez que algo parecido, como desfecho de aceitação pronta de uma interpretação, acontece. E a consequência imediata é a atitude transformada de Moacir, no sentido de comportamento oposto, às vezes com a justificativa correspondente ao seu "insight" ou adesão ao ponto de vista recém-adotado.

— *(Com um misto de ironia e aceitação na voz)* — O senhor é porque não sabe. Eu nunca havia pensado nisso. Mas eu penso como os de minha geração. Todos os moços pensam assim. Não vejo razão alguma, ou melhor, nunca vi antes razão alguma para pensar diferente, em muitas das coisas que o senhor me fala aqui. Nunca pensei, por exemplo, que ao ter relações sexuais com esta menina ela pudesse engravidar, e eu ter que ficar responsável pelo fato. Sempre acreditei, como acreditam os da minha geração, que isto não é comigo, e que ela que se arranje! Mas, não me lembrei que pode querer um pai para o filho!

— O senhor se surpreende com o fato de que a menina doida pode pensar. E querer alguma coisa. O senhor assim não se importa de namorar, ou se casar, mesmo que se trata de uma menina que o senhor percebe que é doida e descreve como tal.

— *(Interrompe-me imediatamente, pressuroso)* — Não falei em me casar. Nem com menina doida!...

— Se o senhor refere ter relações sexuais com ela; ter filhos com ela, ou um filho — ou talvez engravidá-la — tudo isso significa, naturalmente, uma proposta indireta (e direta) de casar-se com ela. O senhor está evidentemente mostrando a vinculação de sua vida à dela. Pelo fato de não se importar de escolher — ou de fazer alguma espécie de seleção para o que lhe possa interessar — já está o senhor dizendo que está sempre em busca de alguém que cuide do senhor. Que lhe forneça, sem ônus para o senhor ou compromisso, o que acha que lhe falta. Isso é, sua nutrição; cuidado com o senhor. O sustento seu. Provendo a todas as suas necessidades, e o senhor colocado numa espécie de berço — recebendo, sem precisar corresponder, nem oferecer algo equivalente. O senhor diz que deseja relações sexuais sem ônus de ser pai; mulher,

para o senhor, sem ônus de ser marido dela. Relacionamento de guarda do senhor, como se precisasse de alguma figura maior que proteja o senhor como uma criancinha.

— *(Possivelmente com ironia na voz, mas desagradado e temeroso)*

— Ah! essa não!... Minha mãe de novo!... Mas, é ela! — *(Com voz de aceitação ou compreensão)* — Mas, pelo jeito, só pode ser ela ... — *(rindo-se)*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUER, J-P. *Lectura de "Realidad"*, Bulletin intérieur de l'École Freudienne de Paris, VIIème Congrès de l'École Freudienne de Paris, Rome 1974, Paris 1975.
- BENVENISTE, É. *Problemas de Lingüística Geral*. São Paulo, Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- BRAZIL, C.N.V. *A Dialética da Intersubjetividade*, Tempo Psicanalítico, Ed. SPID, v.2, nº 1, 1983.
- CHULAM T.M.O. *Escritos sobre os Escritos de Lacan; Roteiro de leitura: vocabulário e temas*. Vitória, Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1981.
- CLÉMENT, C. *Vidas e Lendas de Jacques Lacan*; São Paulo, Editora Moraes, 1983.
- CORREA, P.D. *Uma face do tumulto*, Revista Brasileira de Psicanálise - Santos Marcondes Gráfica - Editora SP - Brasil.
- FREUD, S. *Estudos sobre a Histeria*, vol. II, Rio de Janeiro, Imago Editora, primeira edição em janeiro de 1974.
- FREUD, S. *A Interpretação de Sonhos (Parte I)*, vol. IV, Rio de Janeiro, Imago Editora, primeira edição em novembro de 1972.
- FREUD, S. *A Interpretação de Sonhos (Parte II) Sobre os sonhos*, vol. V. Rio de Janeiro, Imago Editora, primeira edição em outubro de 1972.
- FREUD, S. *A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e outros trabalhos*, Rio de Janeiro, Imago Editora, primeira edição em novembro de 1974.
- FREUD, S. *Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos*, vol. XVIII. Rio de Janeiro, Imago Editora, primeira edição em fevereiro de 1976.

- FREUD, S. *O Ego e o Id, Uma Neurose Demoníaca do Século XVII e outros trabalhos*, vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago Editora, primeira edição em março de 1976.
- FREUD, S. *Um Estudo Autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, A Questão da Análise Leiga e outros trabalhos*, vol. XX. Rio de Janeiro, Imago Editora, primeira edição em junho de 1976.
- JONES, E. *Vida e Obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, terceira edição, 1979.
- LACAN, J. *Écrits*, Paris, Éditions du Seuil, 1966.
- *La direction de la cure et les principes de son pouvoir*, 1958.
 - *L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud*, 1957.
 - *Le séminaire sur "La Lettre Volée"*, 1955.
 - *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je*, 1949.
 - *Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien*, 1960.
- LACAN, J. *Le Séminaire, livre II*, Paris, Éditions du Seuil, 1978.
- Chap.XV *Pair ou impair? Au-delà de l'inter-subjectivité*.
 - Chap. XVI *La Lettre Volée*.
- LACAN, J. *O Seminário, livro II*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.
- Cap. I *A Excomunhão*
 - Cap. V *Tiquê e Autômaton*
 - Cap. X *Presença do Analista*

- LACAN, J. *Apertura de la sección clínica, Ornicar? 3*, Barcelona, Ediciones Petrel, 1981.
- LAPLANCHE, J. PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*, Lisboa, Moraes Editores, quarta edição, 1977.
- LEMAIRE, A. *Jacques Lacan Uma Introdução Rio de Janeiro*, Editora Campus, segunda edição, 1982.
- MASOTTA, O. *Introducción a la lectura de Jacques Lacan*, Buenos Aires, Editorial Proteo, 1970.
- NANCY, J-L. LABARTHE, P.L. *El Título de la Lettra*, Barcelona-Ediciones Buenos Aires, 1981.
- PALMIER, J.M., *Lacan*, São Paulo, Editora Melhoramentos, 1977.
- POE, E.A., *Histórias Extraordinárias*, São Paulo, Abril Cultural, 1981.
- SAUSSURE, F. de, *Curso de Lingüística Geral*, São Paulo, Editora Cultrix, nona edição
- SPALDING, T.O., *Dicionário de Mitologia Greco-Latina*, Belo Horizonte, Editora Itatiaia Limitada, 1965.

BIBLIOGRAFIA

- BAUER, J-P. *Lectura de "Realidad"*, Bulletin intérieur de l'École Freudienne de Paris, VIIème Congrès de l'École Freudienne de Paris, Rome 1974, Paris 1985.
- BRAZIL C.N.V. *A Dialética da Intersubjetividade*, Tempo Psicanalítico, Ed. SPID, v.2, nº 1, 1983.
- CHULAM T.M.O. *Escritos sobre os Escritos de Lacan; Roteiro de leitura: vocabulário e temas*. Vitória, Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1981.
- CLÉMENT, C. *Vidas e Lendas de Jacques Lacan*, São Paulo, Editora Moraes, 1983.
- CORREA, P.D. *Uma face do tumulto*, Revista Brasileira de Psicanálise - Santos Marcondes Gráfica Editora - SP - Brasil
- JONES, E. *Vida e Obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, terceira edição, 1979.
- LACAN, J. *Écrits*, Paris, Éditions du Seuil, 1966.
- *La direction de la cure et les principes de son pouvoir*, 1958.
 - *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je*, 1949.
 - *Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien*, 1960.
- LACAN, J. *Le Séminaire*, livre II, Paris, Éditions du Seuil, 1978.
- Chap. XV, *Pair ou impair? Au-delà de l'intersubjectivité*.
 - Chap. XVI *La Lettre Volée*

- LACAN, J. *O Seminário* livro 11, Rio de Janeiro, Zahar Editores,
- Cap. I *A Excomunhão*
- Cap. V *Tiquê e Autômaton*
- Cap. X *Presença do Analista*
- LACAN, J. *Apertura de la sección clínica*, Ornicar? 3, Barcelona, Ediciones, Petrel, 1981.
- LAPLANCHE, J. PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*, Lisboa, Moraes Editores, quarta edição, 1977.
- LEMAIRE, A. *Jacques Lacan Uma Introdução* Rio de Janeiro, Editora Campus, segunda edição, 1982.
- MASOTTA, O. *Introducción a la lectura de Jacques Lacan*, Buenos Aires, Editorial Proteo, 1970.
- NANCY, J-L. LABARTHE, P.L. *El Título de la Letra*, Barcelona, Ediciones Buenos Aires, 1981.
- PALMIER, J.M., *Lacan*, São Paulo, Editora Melhoramentos, 1977.
- SPALDING, T.O., *Dicionário de Mitologia Greco-Latina*, Belo Horizonte, Editora Itatiaia Limitada, 1965.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/
RJ, fazendo parte da banca examinadora os seguintes profes-
sores:

Circe Navarro Vital Brazil

PROFA. CIRCE NAVARRO VITAL BRAZIL
(ORIENTADORA)

DEPTº PSICOLOGIA - PUC/RJ

Esther Maria de Magalhães Arantes

PROFA. ESTHER MARIA DE MAGALHÃES ARANTES

DEPTº PSICOLOGIA - PUC/RJ

Isidoro Eduardo A. do Brasil

PROF. ISIDORO EDUARDO A. DO BRASIL

MOVIMENTO FREUDIANO

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 08.02.85

Val Landau

Coordenador dos Programas de Pós-Gradua-
ção do Centro de Teologia e Ciências Hu-
manas.